BHAGAVAD-GUITÁ

(CÂNTICO DIVINO)

TRADUÇÃO LIVRE DE

RAJARAMA PUNDOLICA SINAI QUELECAR

MÉDICO

BHAGAVAD-GUITÁ

(CÂNTICO DIVINO)

IMPRENSA NACIONAL

GOA — 1956

EDITOR

VINAICA G. MATMO

Diplomado com o Curso de Farmácia e Director do Instituto de Instrução (cidade de Goa)

Composto e impresso na
Imprensa Nacional do Estado da Índia
GOA — Janeiro de 1956

INDICE

NOTAS PRELIMINARES IX

CANTOS:

I — Campo sagrado de Curu e angústias de Arjuna ... 3
II — Ética indiana e concepção idealista do homem 10
III — A acção e o seu determinismo 21
IV — Revelação do divino na humanidade e significação do sacrifício 28
V — Yoga da acção 35
VI — A prática do yoga 40
VII — Conhecimento intuitivo e discursivo 47
VIII — Conhecimento de Brahman 52
IX — Conhecimento da devoção 57
X — Suprema palavra 63
XI — Visão do macrocosmo 70
XII — Caminho da devoção 80
XIII — Primeiros princípios 84
XIV — A natureza e as suas qualidades 90
XV — O princípio espiritual no cosmo e no homem 95
XVI — Espiritualidade e materialidade 99
XVII — Variadas tríades 103
XVIII — Conclusão 108

GLOSSÁRIO E NOTAS 121

NOTAS PRELIMINARES

BHAGAVAD-GUITÁ, que, literalmente, significa «cântico divino», é um episódio de MAHABHARATA—a grande epopeia indiana, obra monumental de VIASSA—, publicado, em separata, quinhentos anos antes da era cristã e traduzido em quási todas as línguas literárias da India, desde os Himalaias até ao cabo Camorim, e em várias outras do mundo. É uma das obras primas da literatura mundial e a melhor jóia da literatura indiana. GUITÁ ensina-nos que a finalidade do homem é a sua espiritualidade, e que todo o homem deve trabalhar, sem esmorecer, para alcançá-la, utilizando, para esse fim, todas as suas possibilidades, esclarecendo-nos mais as verdades superiores da filosofia e da religião, a conduta do homem na sociedade e a da sociedade humana no mundo cósmico. Quando nós deixarmos de nos limitar neste centro estreito que é o nosso corpo, realizaremos, então, em nós, DEUS, que é o nosso EU. São

estes e outros ensinamentos que tornam o poema maravilhoso.

Curu é o nome dum importante «clan» ariano. Os árias depois de se estabelecerem na India trouxeram à cultura uma grande região da terra que, mais tarde, se chamou Kurukshetra (campo de Curu) e fundaram o reino de Hastinapur (hoje Delhi). Sendo esse campo a primeira obra geo-económica dos árias, os seus descendentes consideraram-no como sagrado e fizeram dele o lugar para, todos os dias, celebrarem os seus sacrifícios religiosos e praticarem austeridades.

Pandu, rei de Hastinapur, tornado enfermo, nomeou regente seu irmão Dhratarashtra, cego, e foi ele, acompanhado das suas duas rainhas, por recomendação do seu médico, para as regiões dos Himalaias, em mudança de clima. Melhorou a sua saúde e teve lá cinco filhos, sendo da rainha mais velha três, que se chamaram Iudhistir, Bhima e Arjuna, e da mais nova dois, Nacula e Sahadeva. Chamaram-se todos eles Pandavas, nome este derivado de Pandu, seu pai. Alguns anos depois o rei Pandu morreu repentinamente. A rainha mais nova, segundo os costumes de então, sujeitou-se a Sati, encarregando dos cuidados dos seus filhos a mais velha. Esta, com cinco crianças, regressou a Hastinapur, onde lhes foi dada instrução, incluindo a da arte militar, pelo mestre de incontestável valor Drona, ou Dronacharia, juntamente com os filhos do

regente Dhratarashtra, que eram em número de cem e que se chamavam Couravas, sendo Duriodhana o primogénito.

Chegados à maioridade e concluídos os estudos, os Pandavas pediram a Dhratarashtra a parte do reino que lhes cabia de direito. Mas Duriodhana obrigou o pai a negar-lhes este direito. A intervenção de Bhisma, tio-avô dos Pandavas e dos Couravas também, um dos conselheiros do reino, foi em vão. Shri Crisna, que era chefe do «clan» Yadava e amigo e parente comum e que mais tarde foi reconhecido DEUS incarnado, reclamou a Dhratarashtra, como medianeiro, em nome dos cinco Pandavas, cinco aldeias só, que Duriodhana recusou brutalmente, dizendo que não daria nem uma polegada de terra, nem mesmo a que se pudesse reter na ponta duma agulha. Assim, tornou-se inevitável a guerra, que dividiu a India em dois blocos. Todos os príncipes da India tomaram parte nessa guerra. Shri Crisna, a quem Arjuna e Duriodhana foram pedir auxílio, disse que dispunha da sua pessoa e do seu exército, que cada um escolhesse segundo entender. Duriodhana escolheu o exército e Shri Crisna, então, tomou o partido oposto, não como combatente, mas como condutor do carro de Arjuna, que ELE, DEUS-HOMEM, elegera para seu discípulo, a fim de dar a sua mensagem à Humanidade e conduzi-la à imortalidade, neste mundo.

O mestre Dronacharia e o tio-avô Bhisma tomaram o partido de Duriodhana, por Dhratarashtra tê-los sustentado, econòmicamente, durante toda a sua vida.

Sanjaia, o condutor do carro do velho e cego Dhratarashtra, conta-lhe tudo o que se passou no campo da batalha. E é neste campo de Curu que começa BHAGAVAD-GUITÂ, o cântico divino que ensina a Humanidade a se elevar à consciência universal, a única maior conquista que o homem, neste mundo, deve alcançar.

CANTOS

CANTO I

Campo sagrado de Curu e angústias de Arjuna

I

DHRATARASTRA: — Que sabes dos meus filhos e dos de Pandu, que concentraram as suas tropas, para a batalha, no campo sagrado de Curu? Dize-me todo o sucedido, ó Sanjaia.

II

SANJAIA: — O príncipe Duriodhana, depois de espreitar o exército escalonado dos Pandavas, aproxima-se do mestre Dronacharia e lhe fala:

III

«Contemplai, ó mestre, aquele poderoso exército dos Pandavas estrategiado pelo filho de Drupada, vosso inteligente discípulo.

IV

Figuram nele, além de outros varões e arcipotentes, Iudhana, Viratha e o marechal Drupada, igualáveis a Bhima e Arjuna na peleja,

V

Dhrestaquetu, Chequitana, o valente Caxiraja, e bem assim, Purujita, Cuntibhoja e o insigne Xeibia,

VI

O intrépido Iudhamaniú, Utamojá valente, e o filho de Subhadrá e os de Droupadi, todos marechais insignes.

VII

Agora, ó mestre, vou nomear sòmente os que constituem o nosso estado-maior, que é do vosso conhecimento:

VIII

Vós, Bhisma, Carna, o vitorioso Cripa, Asvathamá, Vicarna e Somadati.

IX

E o exército é constituído de varões assinalados, adestrados, completamente equipados, todos decididos a sacrificar as suas vidas em prol da minha causa.

X

Quão colossal é o nosso exército sob o supremo comando de Bhisma! Vêde o do adversário, que é mensurável e chefiado por Bhima!

XI

Mantende, portanto, as posições tomadas na dianteira, tornando invulneráveis os flancos de Bhisma.

XII

A estas palavras, o glorioso ancião Bhisma, para reforçar o entusiasmo de Duriodhana, estoura a sua voz tonitruante e assopra a sua concha.

XIII

Num instante, inúmeras conchas, tambores, tímbales, trombetas e cornetas explodem os seus sons num rumor retumbante.

XIV

Entrementes, do lado do adversário, Shri Crisna e Arjuna, de pé no carro atrelado de cavalos brancos, correspondem com o som das suas conchas.

XV

Shri Crisna sopra a sua «Panchajánia», Arjuna a «Devadata» e o terrível Bhima apavora todos com a sua estrondosa «Poundra»,

XVI

O rei Iudhistir assopra a sua «Anantavijaia» e os irmãos Nacula e Sahadeva, «Sughoxa» e «Manipuspaca», respectivamente,

XVII

O arcipotente Caxia, o marechal Xicandi, Dhrestadhiuma, Virata e o invencível Satiaqui as suas,

XVIII

O príncipe Drupada e os filhos de Droupadi, ó Majestade, e o longímano Abhimaniú assopram as suas.

XIX

O estrondo terrível desses sons, retumbando pela terra e céu, dilacera o ânimo das Couravas.

XX

Então, Arjuna, que se distinguia pelo emblema do macaco Maruti no estandarte do seu carro, vendo o exército dos Couravas em ordem de batalha, retesa o seu arco,

XXI

E diz a Shri Crisna: «Senhor da terra! conduzi o carro no meio dos dois exércitos em fileiras.

XXII

«Verei os arrojados que desejam combater na batalha e visarei também aqueles com quem terei de pelejar.

XXIII

«Volverei, também, os olhos àqueles que se arrojaram ante a morte nesta batalha decisiva, com o único fim de satisfazer a vontade do facínora Duriodhana».

XXIV

SANJAIA: — Mal Shri Crisna ouviu estas palavras, dirigiu o sumptuoso carro para o meio dos dois exércitos alinhados;

XXV

E, fitando Bhisma, Dronacharia e outros príncipes, disse a Arjuna: «Eis, acolá, todos os Couravas».

XXVI

Arjuna contempla os dois exércitos e descobre logo que são seus tios paternos, avós, mestres, tios maternos, irmãos, filhos, amigos e sogros que os constituem.

XXVII

E notando que todos eles são seus parentes consanguíneos, invade-o a piedade, e, na consternação, diz:

XXVIII

«Todos estes guerreiros que estão prestes a combater são parentes consanguíneos meus!

XXIX

«Ai! os meus membros tremem, seca a boca! Tenho arrepios, eriça-se-me o pêlo!

XXX

«O arco Gandiva parece descair-me das mãos; arde-me a pele toda! Não posso suster-me, sinto desvairar-me!

XXXI

«Nada de bom presageio nesta guerra; nenhuma felicidade com a morte dos meus parentes na batalha!

XXXII

«Não ambiciono nada; nem a vitória, nem o governo, nem os prazeres. Dize-me, ó Crisna, que vale o governo, que valor têm os prazeres ou a própria vida?

XXXIII

«Se aqueles para quem almejamos o governo e os prazeres estão cá no campo de batalha, renunciando às suas riquezas e até à vida!

XXXIV

«São mestres, tios paternos, filhos, avôs, tios maternos, sogros, netos, cunhados, todos parentes consanguíneos e espirituais!

XXXV

«O Crisna, nunca levantarei as minhas armas contra eles, mesmo que se me ofereça o império do universo inteiro, quanto mais o governo desta terra; que eles me tirem a vida, não me importa.

XXXVI

«Que prazeres poderemos desfrutar, ó Crisna, com a morte dos Couravas, embora eles a mereçam por serem agressores? Nenhum; só perpetraremos um crime inespiável.

XXXVII

«Iníquo será, por nossa parte, exterminar os Couravas, uma vez que reconhecemos neles os nossos irmãos; e, ó Crisna, como nós poderemos ser felizes aniquilando os nossos próprios parentes?

XXXVIII

«Eles, desvairados, não compreendem as consequências do crime de traição dos amigos e o de destruição das famílias.

XXXIX

«E nós, que sabemos que o arruinamento das famílias é crime sacrílego, porque o não evitaremos, sendo possível?

XL

«Com a destruição das famílias, as suas vetustas tradições são aniquiladas e este aniquilamento concorre para as tornar descomedidas.

XLI

«E, ó Crisna, o desregramento na família é a causa da corrupção das mulheres, e esta prevaricação impele-as à mistura do sangue.

XLII

«E esta mescla conduz para o Inferno tanto os autores da destruição das famílias como também toda a descendência destas, porque os antepassados, privados de libações e oferendas, se apartam delas.

XLIII

«E o pior é que esses aniquiladores, sujeitando-as à mescla, destroem, para sempre, as leis morais da instituição da família e das raças.

XLIV

«E as pessoas cujos costumes familiares são devassados, vivem no inferno, não o ouvimos, ó Crisna?

XLV

«Que horrendo crime que nós perpetraríamos com a exterminação dos nossos irmãos, com a mira do governo e avidez de prazeres!

XLVI

«Acho conveniente, por isso, depor as armas e manter-me indefeso, para os Couravas me aniquilarem, na batalha; é a única solução para mim».

XLVII

SANJAIA: — Desabafando desse modo, no campo de batalha, Arjuna, comovido, lançou abaixo o seu arco e setas e repousou no assento traseiro do seu carro.

CANTO II

Ética indiana e concepção idealista do homem

I

SANJAIA: — Shri Crisna, vendo Arjuna assim consternado, com o olhar angustiado, cheio de lágrimas, dirige-lhe as seguintes palalvras:

II

SHRI CRISNA: — Que frenesi é este que se apoderou de ti, nesta conjuntura tão séria e que não tem guarida nos árias! Não te gloriará esta tua atitude; pelo contrário, denegrirá o teu renome.

III

Não te deixes arrastar por essa cobardia desairosa para ti; sacode essa fraqueza ignóbil e levanta-te, ó terror dos inimigos!

IV

ARJUNA: — Ó Crisna, com que coragem devo eu lançar o ataque, nesta batalha, contra Bhisma e Drona, veteranos que nos inspiram sempre veneração e respeito?

V

Preferirei viver na mendicidade a ser a causa da morte destes veteranos, benevolentes e sempre respeitáveis, pois a morte deles nos dará só gozos pungentes.

VI

Não sei o que devo antepor para a nossa felicidade: vitória dos Couravas ou a nossa. Certo é, porém, que eu não sobreviverei à derrota daqueles que nos defrontam.

VII

Desmoronado está o meu coração, mudado todo o meu ser; um turbilhão de ideias fervilha no meu cérebro, não podendo destrinçar os meus deveres. Dize-me, claramente, ó Crisna, o que é preferível — eu refugio-me em ti, como teu discípulo.

VIII

Não vejo remédio algum para este meu estado de tormentos que me desalenta; nem a hegemonia do país rico e irrivalizável, nem a soberania sobre os deuses curará este meu mal.

IX

SANJAIA: — Manifestando-se dessa forma a Shri Crisna, terminou Arjuna por dizer: «Depus já as armas; não quero combater». E guardou silêncio.

X

Shri Crisna, vendo-o assim no estado de desalento, no pleno campo da batalha, com o sorriso nos lábios, começou por dizer:

XI

SHRI CRISNA: — Tu deploras aqueles que não deves deplorar e discorres como um sábio. Certamente, o sábio é indiferente perante a vida e a morte.

XII

Não é verdade que eu, tu e estes príncipes, em tempos remotos não existíamos, e nem é menos verdade também que, no futuro longínquo, não havemos de existir.

XIII

Assim como o ser humano passa pelos estádios de infância, adolescência e velhice, assim também passa ele através de mudanças dos corpos; e este fenómeno não deixa perturbado o homem forte.

XIV

As sensações de calor e frio e as impressões de prazer e dor provêm das relações dos nossos órgãos dos sentidos com objectos exteriores; são fenómenos efémeros, transitórios; compenetra-te disso, ó Arjuna!

XV

E o homem que não se impressiona por esses fenómenos e é equânime diante do prazer e da dor torna-se digno da imortalidade.

XVI

Tudo o que não permanece é irreal. Sòmente o real tem existência. É a conclusão dos sábios depois de longas experiências.

XVII

O substrato de que emana todo este universo é imperecível, ninguém o pode exterminar.

XVIII

Ele é eterno, imortal e infinito. Sòmente os corpos em que ele se acha inserido são finitos, temporais; pois, prepara-te para a batalha.

XIX

Aqueles que o consideram como mortífero ou mortal ignoram a verdade; ele não leva à morte ninguém nem se extingue.

XX

Ele não nasce nem morre, não é uma coisa que um dia teve existência e que, extinguindo-se, nunca voltará a tê-la. É inascível, eterno, imortal e vetusto, não obstante a desagregação do corpo.

XXI

Aquele que o concebe como a realidade espiritual, eterna, imortal, inascível, imutável, como poderá admitir que ele cause ou leve à morte alguém, ó Arjuna?

XXII

Assim como o homem muda o seu traje estragado, retomando o outro novo, assim também o espírito incarnado (Atman) rejeita o corpo já velho e se reveste do outro novo.

XXIII

As armas não o ferem, nem o fogo o consome; as águas não o molham, nem o vento o desseca.

XXIV

É invulnerável, incombustível, humedífugo e insecável. É eterno, omnipresente, estável, imutável e primordial.

XXV

É indeterminável, inconcebível e imutável. Dão-se-lhe estes atributos. Concebendo-o como tal, não te deves afligir.

XXVI

E se pensas que ele está, constantemente, sujeito a nascimento e à morte, mesmo assim, não há razão para as tuas angústias.

XXVII

Porque a morte é inexorável para quem nasce e é irrevogável o nascimento para quem morre, e este inevitável facto não te deve atormentar.

XXVIII

Ó Arjuna, é indeterminado o princípio e o fim de todo o ser, que só se patenteia no meio, na sua existência actual. Que há nisso para tanta aflicção?

XXIX

Um certo vê Atman como uma maravilha, outro retrata-o como uma maravilha, um terceiro ouve cantá-lo como uma maravilha, e, no final das contas, ele é ininteligível.

XXX

Este Atman, ó Arjuna, inserto no corpo de cada um, é eterno e indestrutível. É por esta razão que tu não deves lamentar nenhuma criatura.

XXXI

Ainda considerado pelo lado do teu natural, não há motivos para a tua agitação; pois, para o xátria não há melhores bens que uma justa batalha.

XXXII

E estes bens, quando te são oferecidos pelo acaso, são como o abrir das portas para o céu; pois, só o feliz xátria encontra semelhante oportunidade.

XXXIII

Se tu te absténs desta batalha justa, trais o teu natural e a glória toda e te arrastas ao pecado.

XXXIV

E, desta forma, serás o escárnio de todo o povo, que te menosprezará, o que, para quem é nobre, será mais doloroso que a morte.

XXXV

Os marechais do exército pensarão que tu desertaste por medo, e tu, que eras altamente considerado por eles, serás desconsiderado.

XXXVI

Os teus adversários farão pouco da tua coragem com a crítica mordaz; que haverá mais deplorável que isso?

XXXVII

Morto, ganharás tu o céu, vitorioso desfrutarás a terra; pois, levanta-te, ó Arjuna, resoluto para a batalha!

XXXVIII

Equipara o prazer e a dor, o ganho e a perda, a vitória e a derrota e arremessa-te à batalha, e desta forma não incorrerás no pecado.

XXXIX

Tudo o que acabei de dizer é o tema fundamental do conhecimento, segundo Sânquia; vou agora explaná-lo segundo o Yoga; compreende-o, ó Arjuna, porque ficarás livre de todos os vínculos de acção, neste mundo.

XL

Uma vez encaminhado nesta via, verás que nada é em vão e não haverá obstáculo algum para o avanço na direcção; um pequeno esforço nesta via livrar-te-á de muitas faltas.

XLI

Nesta via, a inteligência polarizada concentra-se no seu objectivo, não havendo a sua dispersão em imaginações vãs.

XLII

Mas, ó Arjuna, aqueles que ignoram este conhecimento e cujo saber só se limita à interpretação dos textos dos Vedas, sustentam, em palavreado, que só os Vedas são tudo.

XLIII

E estes, cuja aspiração suma é o paraíso, impregnam o homem com o ritual das cerimónias variadas como o único suficiente para ganhar riquezas e prazeres e alcançar o paraíso.

XLIV

E o homem, em geral, sempre ávido de riquezas, que, segundo ele, condicionam a felicidade, imbuído deste princípio, torna incapaz da concentração do seu espírito.

XLV

Os Vedas têm por assunto a hierarquia das qualidades (Satva, Raja e Tama). Tu tens de ultrapassá-las, destruindo a dualidade de atracção e repulsão, e firmar-te no Eu desatendendo à vida orgânica.

XLVI

Para quem conhece Brahman, a utilidade dos Vedas é tal qual a da água do poço situado no terreno todo alagado.

XLVII

Tu tens direito à acção, sòmente à acção, e não aos seus frutos; e estes nunca sejam o móbil do teu agir, nem te inclines para a inacção.

XLVIII

Ó Arjuna, age de maneira tal que, sem preferências, mantenhas o espírito firme na direcção dada, sendo equânime perante o sucesso e o insucesso, o que, em suma, é Yoga.

XLIX

Mas, ó Arjuna, a acção, só, é muito inferior ao Yoga da inteligência; procura, por isso, o refúgio na tua inteligência, pois infundem piedade aqueles que praticam acções inspiradas pelo interesse.

L

O intelectual consumado é, neste mundo, desprendido de frutos bons ou maus de acção; por isso, prepara-te para o Yoga, porque o Yoga torna proficiente o homem nas obras.

LI

E este sábio, renunciando aos frutos da acção, livra-se do ciclo do nascimento e morte e chega ao estado de perfeição, condição suprema.

LII

Quando fores iluminado, depois de expurgar todas as ideias quiméricas, reconhecerás, então, a insignificância de tudo o que ouviste e te resta ouvir.

LIII

E alcançarás o Yoga, quando a tua inteligência, desanuviada dos preconceitos criados pelos textos dos Vedas, tiver estabilidade no êxtase.

LIV

ARJUNA: — Dize-me, ó Crisna, quais são os traços predominantes do homem Metabrâhmico (homem identificado com a realidade por êxtases). Como se porta ele?

LV

SHRI CRISNA: — Quando o homem suprime todos os seus desejos e está satisfeito com o seu eu, no Eu, este, super-homem, se chama Metabrâhmico.

LVI

Aquele que se não inquieta no infortúnio e não é atreito aos prazeres, sem apetites nem desejos, arredado do medo e da cólera, é Metabrâhmico.

LVII

Aquele que se não afeiçoa a coisa alguma, não se rejubila com a ventura, nem detesta o infortúnio, é Metabrâhmico.

LVIII

O Metabrâhmico tem o poder de retrair os seus órgãos dos sentidos das suas funções específicas, tal como a tartaruga encolhe os seus órgãos na sua casca.

LIX

A abstenção da alimentação faz afrouxar os órgãos dos sentidos, mas os desejos se mantêm; estes se suprimem com a participação no Ser Supremo.

LX

Ó Arjuna, o sábio privilegiado que se esforça para a perfeição é, muitas vezes, arrastado a se desviar do seu objectivo pela insistência veemente dos seus sentidos.

LXI

Por isso, é preciso, metòdicamente, disciplinar os sentidos para depois fixar em Mim toda a atenção, e, desta forma, sendo senhor dos seus sentidos, tornar-se Metabrâhmico.

LXII

O pensamento dum objecto qualquer cria no homem a afeição por este objecto, e esta afeição gera o desejo que, não sendo satisfeito, provoca a cólera.

LXIII

A cólera prolongada conduz à ataxia mental; da ataxia mental resulta a amnésia, e esta leva, consequentemente, à despersonalização, degenerando o homem em um autómato.

LXIV

Por isso, restringidos os sentidos de atracção e repulsão, ganha-se o domínio sobre eles e, sendo senhor dos sentidos, consegue-se a serenidade do espírito.

LXV

Perante a serenidade do espírito não prevalece nenhum sofrimento e se consegue, ràpidamente, a sua concentração.

LXVI

O homem inculto não é atraído pela concentração do espírito, que dá em resultado a paz. E quem não tem a paz do espírito não alcança a felicidade suprema.

LXVII

Quando os sentidos não são refreados, arrastam o espírito, tal qual o navio no oceano, à mercê do vento.

LXVIII

Por isso, ó Arjuna, quem refreia, inteiramente, os sentidos, desviando-os dos seus objectos específicos, é Metabrâhmico.

LXIX

E, na sociedade dos homens em que para todos os restantes é noite (ignorância do estado da identificação com a realidade), é dia para o Metabrâhmico (viver em unidade com a realidade); e o dia daqueles (preocupar-se com os afazeres mundanos) é a noite para este (desatenção à vida mundana).

LXX

Assim como o oceano absorve, imutável, inúmeras torrentes que lhe afluem dos rios, assim o Metabrâhmico dilui todos os seus desejos na sua paz, o que é impossível aos mundanos.

LXXI

E finalmente, o Metabrâmico vive e age livremente, isento de todos os desejos, sem egoísmo, nem possessivos, na sua paz suprema com que se identifica.

LXXII

Tal é o estado Brâhmico, ó Arjuna, que, uma vez atingido, o homem não se extravia. Firme neste estado, até o seu término, extingue-se no Brahman.

CANTO III

A acção e o seu determinismo

I

ARJUNA: — Se tu sustentas que a inteligência é superior à acção, porque me incitas à acção terrível, ó Crisna?

II

Tu deixas-me perplexo pela ambiguidade do sentido das tuas palavras. Dize-me, categòricamente, sem circunlóquios, uma única coisa pela qual eu possa assegurar a felicidade suprema.

III

SHRI CRISNA: — Ó Arjuna, como te acabei de dizer, há, neste mundo, duas vias de conhecimento: uma de Sânquia, pelo Yoga da inteligência, e a outra de Yoguis, pelo Yoga da acção.

IV

Abstendo-se da iniciativa da acção, é inalcançável a quietude, e, renunciando à prática de acção, é impossível a perfeição.

V

Ninguém pode eximir-se, um instante sequer, da acção, pois todo o ser é impelido, forçosamente, à acção pela própria natureza, segundo as qualidades de cada um.

VI

Todo aquele que patenteia a repressão dos órgãos da acção, evocando, porém, no interior as sensações de objectos, além de ser insensato, é tido por hipócrita.

VII

Mas, ó Arjuna, aquele que, sendo senhor dos seus sentidos, se inicia, com desinteresse, no Yoga da acção, pelos próprios órgãos dela, é homem excelso.

VIII

Pratica tu todas as acções que se te impõem, porque a acção, qualquer que ela seja, vale mais que a inacção; pois as funções orgânicas elementares até são impossíveis na inacção.

IX

Toda a acção não inspirada pelo ideal alto sujeita o homem ao seu determinismo; por isso, ó Arjuna, pratica tu a acção, renunciando aos seus frutos, como sendo o sacrifício.

X

Terminada a criação e inferindo o sacrifício como lei dela, o criador disse às criaturas: «Crescei e multiplicai-vos por esta lei e ela seja o manancial de todas as vossas riquezas».

XI

Sustende por este meio os deuses, que, por sua vez, vos susterão; e, assim, sustendo-se, mùtuamente, atingireis o bem supremo.

XII

Os deuses satisfeitos com o sacrifício, dar-vos-ão todos os bens desejados; mas, aquele que só os usufrui, sem nada consagrar aos deuses, é traficante.

XIII

Os bons, vivendo do que lhes sobra dos sacrifícios, livram-se dos pecados; enquanto os incultos, vivendo só para si, os cometem.

XIV

De nutrição nascem as criaturas; à chuva sucedem os alimentos; de sacrifício provém a chuva e da acção surge o sacrifício.

XV

A acção provém da natureza; a natureza tem a sua existência no Brahman imutável, e assim Brahman omnipresente está sempre no sacrifício.

XVI

Aquele que não observa, neste mundo, este ciclo universal, vã é a sua existência, sensuais são as suas delícias, e, ó Arjuna, vive em vão este homem.

XVII

Mas, ao homem que funda as suas delícias no seu Eu, satisfeito com o seu Eu e imerso no Eu, não existe acção alguma que tenha de praticar.

XVIII

Porque este homem nada tem a ganhar, neste mundo, com a acção ou a inacção, não depende ele de nenhuma criatura para o seu interesse.

XIX

Pois, pratica tu sempre, com desinteresse, todas as acções que se te impõem. Todo o homem que faz obras com desinteresse atinge o supremo.

XX

É pelas obras desinteressadas que Janaca e outros alcançaram a perfeição. Tu deves agir da mesma forma, com a mira de realizar a solidariedade entre os homens.

XXI

É apanágio da massa imitar o escol; os modelos criados pelo escol são sempre seguidos pelo povo.

XXII

Ó Arjuna, não existe obra alguma que eu deva fazer; neste mundo, nada existe que eu não tenha ganho ou tenha a ganhar; contudo, só vivo em acção.

XXIII

Porque, ó Arjuna, se eu não agir, sempre vigilante, a humanidade seguirá o meu exemplo de todas as formas ou maneiras.

XXIV

E se me conservar inactivo, será a ruína de todos os povos e a causa do caos e destruição de todas as criaturas.

XXV

Ó Arjuna, o afinco com que o não instruído trabalha no seu ofício de proveito material, igual afinco deve ter o sábio em todas as obras da unidade social, sem o interesse pessoal.

XXVI

O sábio não causa confusão no espírito dos não instruídos, exortando-os, mas encoraja-os em todas as acções, praticando-as ele próprio com desinteresse.

XXVII

Todas as acções humanas são derivadas das qualidades (Satva, Raja e Tama) da Natureza; e o homem, confundindo o Eu com a sua natureza egoísta, pensa: é o Eu que age.

XXVIII

Mas, ó Arjuna, o sábio que conhece todas as modalidades da Natureza, considerando as acções como resultantes da interacção das qualidades dela, não se interessa por elas.

XXIX

Por esta mesma razão, não deve ele abalar as concepções sobre a acção dos ignaros, que, sendo cativos da natureza e ignorando as actividades dela, se prendem à acção com interesse.

XXX

Com a concentração do teu espírito, e renunciando todas as tuas acções em Mim, sem mínimo desejo, nem egoísmo, luta tu, livre da febre da tua alma.

XXXI

Aqueles que seguem sempre estes meus ensinamentos com fé, não os pondo em dúvida nem os criticando, ficam livres do determinismo da acção.

XXXII

Mas aqueles que, sem os seguir, os condenam, são cretinos, destituídos da razão e destinados a perecer.

XXXIII

O sábio age segundo a sua natureza; todas as criaturas obedecem à sua. É inútil constrangê-la.

XXXIV

Os sentidos têm predilecção pelos seus objectos, dissimulando neles a dualidade de atracção e repulsão. O homem não deve cair em poder deles. São inimigos que armam ciladas no caminho da sua ascensão.

XXXV

É preferível a cada um seguir a sua lei de acção, mesmo imperfeita, a adquiri-la a outrem. Prefira-se perecer na sua própria lei a seguir a doutrem, o que é desastroso.

XXXVI

ARJUNA: — Porque é que o homem é impelido para o pecado? Quem o obriga a cometê-lo, contra a sua vontade?

XXXVII

SHRI CRISNA: — É o desejo e a sua companheira, a cólera, ambos nascidos da qualidade Raja, extremamente insaciáveis e traiçoeiros.

XXXVIII

Assim como o fumo oculta o fogo, a poeira embacia o espelho, o âmnios envolve o feto, assim o desejo obscurece a razão humana, ó Arjuna!

XXXIX

A razão humana é obscurecida pelo desejo. É o eterno inimigo do sábio. É o desejo qual fogo, que devora tudo e é sempre insaciável.

XL

Os sentidos, a inteligência e a razão são os seus abrigos, e, por via delas, obscurece ele o saber e bestifica o homem.

XLI

Por isso, ó Arjuna, dominando, primeiro, os teus sentidos, extermina esse delinquente e destruidor de dois saberes humanos (intuitivo e discursivo).

XLII

Dizem que os sentidos são supremos: o soberano dos sentidos é a mente, o soberano da mente é a razão e o soberano da razão é o Eu (Atman).

XLIII

Assim, conhecendo perfeitamente o Eu, soberano da razão, consolida o conhecimento dele, concentrando a vida na espiritualidade, e extermina o desejo, inimigo este dificilmente vencível.

CANTO IV

Revelação do divino na humanidade e significação do sacrifício

I

SHRI CRISNA: — Este imperecível Yoga revelara eu, primeiro, a Vivasvana, que, por sua vez, o transmitira a Manu e este o fizera conhecido de Ixavacu.

II

Ó Arjuna, assim, este Yoga, transmitido tradicionalmente até aos sábios da corte dos reis, tornou-se antiquado, no volver dos tempos.

III

É o mesmo Yoga original e antigo que te acabei de explicar, porque tu és meu amigo dedicado. De facto, é o supremo segredo este Yoga.

IV

ARJUNA: — Tu és do meu tempo, e Vivasvana pertence a tempos prístinos. Como posso eu acreditar que tu lho tivesses revelado, no começo do tempo?

V

SHRI CRISNA: — Numerosas são as minhas vidas passadas e as tuas também, ó Arjuna; eu conheço-as todas, tu as ignoras, ó terror dos inimigos!

VI

Não obstante ser eu inascível, imperecível, senhor de todas as existências, obrigo-me a manifestar no mundo, apoiando-me na minha própria natureza, pelo meu misterioso poder.

VII

E, ó Arjuna, venho ao mundo todas as vezes que as leis sociais são postergadas e impera a injustiça social.

VIII

E é para livrar os bons, aniquilar os inimigos da ordem e restabelecê-la que eu me manifesto, de tempos a tempos.

IX

Aquele que conhece este meu mistério do nascimento e acção não se reincarna, depois de abandonar o corpo mortal. Ele chega a Mim, ó Arjuna!

X

Muitos homens, livres de desejos, do medo, da cólera, tomam o refúgio em Mim e, purificados pela prática de ascese, têm chegado a Mim.

XI

A maneira como o homem Me deseja atingir, Eu lhe correspondo no meu amor; variados que sejam os caminhos, todos Me encontram, ó Arjuna!

XII

Aqueles que desejam que as suas obras tenham sucesso, neste mundo, fazem sacrifícios aos deuses, porque no mundo dos homens as obras dão rápida e fàcilmente os frutos.

XIII

A ordem quadrífida social foi criada por Mim, em conformidade com a diferença de qualidades e funções activas; sabe que sou autor desta ordem, não obstante ser Eu imperecível, não agente.

XIV

As acções não Me sujeitam e Eu não desejo os seus frutos. Aquele que Me conhece nesta atitude não está sujeito ao determinismo da acção.

XV

Por este conhecimento, os homens doutros tempos, que desejavam a sua libertação, agiram neste mundo. Também pratica tu acções como as praticaram esses homens dos velhos tempos.

XVI

Perante a definação de acção e o enunciado de inacção, os próprios sábios ficam perplexos. Vou explicar-te o que seja a acção, e este conhecimento livrar-te-á de todos os males.

XVII

É preciso conhecer a acção natural, formar ideias claras da acção humana e compreender o significado da acção impessoal; é impenetrável o mistério da acção.

XVIII

Aquele que sabe descobrir a impersonalidade na acção e a acção na inacção é, entre os sábios, o Yogui, obreiro universal de infinita capacidade,

XIX

Aquele cujos empreendimentos são denudados de desejos, sem desígnios, e cujo agir se acha purificado pela luz do conhecimento da verdade é chamado sábio,

XX

Aquele que, renunciando aos frutos da sua acção, sempre satisfeito, sem nenhuma dependência, está imerso, profundamente, na acção, é o homem da acção impessoal,

XXI

Aquele que é isento de todos os desejos, tem domínio sobre o seu corpo e intelecto e está desembaraçado da cobiça, embora pratique acção, não está sujeito a vínculos dela,

XXII

Aquele que, sempre satisfeito, aceita tudo o que lhe chegue, destruiu a dualidade (atracção e repulsão), sem inveja, equânime perante o bom ou o mau sucesso, está livre da sujeição da acção.

XXIII

Quando o homem expulsa os seus desejos e está livre deles, consolida todo o seu intelecto no Eu, toda a sua actuação é sacrifício, e extingue-se-lhe a acção.

XXIV

Brahman é oblação, Brahman é oferenda e é oferecida ao fogo, que é Brahman, pelo oferecedor também Brahman; e o homem cujas acções se identificam com Brahman identifica-se ele próprio com Brahman.

XXV

Certos Yoguis atingem Brahman oferecendo o sacrifício aos deuses; outros oferecem em sacrifício o eu próprio dominado no fogo de Brahman.

XXVI

Uns sacrificam os ouvidos e outros sentidos nas chamas de mestria, e há outros que sacrificam as palavras e os objectos dos seus sentidos no ardor dos sentidos.

XXVII

E ainda outros oferecem em sacrifício todas as acções e a força vital ao fogo de Yoga do domínio de si, avivado pelo conhecimento.

XXVIII

Em suma, uns sacrificam riquezas, outros praticam austeridades, terceiros dedicam-se ao Yoga, quartos votam-se ao conhecimento e há ainda outros que consagram toda a sua energia para o fim supremo.

XXIX

Ainda mais: há certos que se consagram a dirigir a sua respiração, sacrificando a inspiração à expiração ou esta última àquela, dominando-a em seguida.

XXX

Há outros que, regulando a sua nutrição, sacrificam uma forma da sua energia à outra. Todos aqueles que conhecem o sacrifício pela prática expiam todas as suas faltas.

XXXI

Ó Arjuna, aqueles que vivem do que lhes resta, feito o sacrifício, libam o nectar da imortalidade e atingem

Brahman eterno, e aqueles que não fazem sacrifícios não alcançam a felicidade nem neste mundo, nem noutro.

XXXII

Todas estas formas de sacrifício estão desenvolvidas nos Vedas. Sabe tu que todos os sacrifícios procedem da acção; e serás livre conhecendo este facto.

XXXIII

Ó Arjuna, dedica-te todo e sempre ao conhecimento supremo; este sacrifício está no mais alto grau que todo o sacrifício material, porque toda a acção atinge culminância no conhecimento.

XXXIV

Aprende-se tudo isso adorando, questionando e servindo o mestre experimentado no conhecimento da verdade eterna. Só ele é capaz de te ensinar este conhecimento.

XXXV

Possuindo este conhecimento, tu não continuarás na ignorância, ó Arjuna, porque tu verás todas as existências, sem excepção, no teu Eu e em Mim.

XXXVI

Ainda que sejas o maior pecador, poderás atravessar o oceano dos pecados pela nau deste conhecimento.

XXXVII

Assim como o fogo aceso reduz toda a lenha em cinzas, assim também o fogo do conhecimento reduz todos os vínculos da acção em cinzas.

XXXVIII

Não existe coisa alguma neste mundo que se possa comparar à pureza do conhecimento. O homem, atingindo a perfeição pelo Yoga, descobre-a, com o tempo, no seu Eu.

XXXIX

Aquele que tem a fé ardente, ganhou mestria dos seus sentidos, fixou todo o seu intelecto na realidade suprema, atinge o conhecimento e, consequentemente, a paz suprema.

XL

O não instruído sem fé, o céptico, está fora do caminho da salvação; e quem duvida de tudo, não gozará de felicidade nem neste mundo nem noutro.

XLI

Ó Arjuna, aquele que renunciou à acção pelo Yoga, dissipou as dúvidas pelo conhecimento e está entregue ao seu Eu, fica isento dos vínculos da acção.

XLII

Por isso, ó Arjuna, corta tu, de vez, todas as dúvidas nascidas da ignorância, pela espada do conhecimento, e levanta-te, triunfando, no Yoga.

CANTO V

Yoga da acção

I

ARJUNA: — Tu fazes a apologia do renunciamento da acção e, ao mesmo tempo, proclamas o Yoga. Dize-me, claramente, qual é o melhor caminho entre os dois.

II

SHRI CRISNA: — Tanto o renunciamenete como o Yoga da acção conduzem ambos para a salvação da alma; mas, dentre os dois, o Yoga da acção importa mais que o renunciamento da acção.

III

Deve-se considerar como asceta aquele que não tem aversão por coisa alguma, nem deseja nada neste mundo. Por isso, ó Arjuna, estando ele isento da dualidade da atracção e repulsão, está livre da sujeição da acção.

IV

Considerar o Sânquia como diferente do Yoga é concepção pueril, e não de sábio. Basta aplicar-se, integralmente, a um deles para obter o resultado de ambos.

V

A posição que se obtém pelo Sânquia, consegue-a o Yogui também. Aquele que vê o Sânquia e o Yoga como idênticos, vê com os olhos de ver.

VI

Mas, ó Arjuna, o renunciamento é difícil de se atingir sem o Yoga. O sábio que tem a prática do Yoga alcança Brahman em pouco tempo.

VII

Aquele que se inteirou do Yoga, tornou pura a sua alma e é senhor de si, triunfou dos sentidos, e cujo Eu é o Eu de toda a existência, não obstante praticar acções, está livre da sua sujeição.

VIII

O Yogui, conhecedor dos princípios das coisas, não se julga como autor das acções: ver, ouvir, tocar, cheirar, comer, ir, dormir e respirar,

IX

Bem assim, falar, despejar, aceitar, abrir e fechar dos olhos; porque todas estas acções provêm do funcionamento dos sentidos nas suas esferas respectivas.

X

Aquele que se desprende da acção, dedicando-a a Brahman, torna-se impermeável às suas vaidades, como a folha de lótus é impermeável à agua.

XI

Os Yoguis só agem para a purificação da sua alma, do corpo, consciência e intelecto e com os próprios órgãos da acção, mas sempre desprendidos dela.

XII

O Yogui goza da paz eterna, renunciando a frutos de acção. O não instruído no Yoga é arrastado à acção pelo desejo e esperança, e por isso está preso dela.

XIII

Quem dominou a sua natureza e renunciou a acções com consciência, goza da plácida serenidade na cidadela de nove portas que é o seu corpo, sem agir nem ser causa de acção alguma.

XIV

O Ente Supremo não cria actividades humanas nem acção, nem a conexão entre a acção e o seu fruto. É a natureza que efectua tudo isto.

XV

Ele, Senhor, não deixa incidir sobre si o pecado ou o bem de quem quer que seja. O conhecimento é envolto pela ignorância, e por isso todas as criaturas se iludem.

XVI

Mas aqueles que dissiparam a sua ignorância pelo conhecimento do Eu, ressurgem resplandescentes como o Sol.

XVII

E imergindo toda a sua vitalidade e intelectualidade n'Ele, fazendo d'Ele o único objecto da sua devoção, identificando-se com Ele e livrando-se dos pecados, se livram do nascimento e da morte.

XVIII

Estes sábios vêem na igualdade o brâmane erudito e culto, a vaca, o elefante, o cão e o pária.

XIX

E, assim, realizando a vida firmando o seu intelecto na equanimidade de Brahman, se estabelecem n'Ele, que é a perfeição.

XX

O homem assim estabelecido em Brahman, conhecendo Brahman e vivendo n'Ele, não se rejubila com o agradável nem detesta o desagradável.

XXI

Quando o homem se desprende das coisas exteriores, alcança a felicidade do eu primeiro; e, unindo-se depois a Brahman, ele goza da felicidade suprema.

XXII

Os prazeres que derivam das coisas são a origem do sofrimento do homem. Eles têm o seu começo e o seu fim, Ó Arjuna. O sábio não se compraz naqueles.

XXIII

Aquele que, neste mundo, é capaz de subjugar os ímpetos do desejo e da cólera, é Yogui, homem ditoso.

XXIV

Aquele que alcançou a felicidade, a paz interior e que possui a luz interior, este Yogui, unificando-se com Brahman, se extingue, afinal, no Nirvana.

XXV

Atinge também o Nirvana aquele que dissipou todas as dúvidas, destruiu a dualidade e, tornando-se mestre de si, trabalha sempre para o bem de todas as criaturas.

XXVI

Os ascetas que se livraram do desejo e da cólera e conquistaram a mestria de si, vêem-se rodeados de Brahman, de todos os lados.

XXVII

E contemplam Brahman, evitando o contacto com os objectos exteriores, convergindo o olhar no ponto de união das sobrancelhas e tornando iguais a inspiração e a expiração.

XXVIII

E se consagram à sua libertação para sempre, dominando os sentidos, a consciência, o intelecto e expurgando o desejo, o medo e a cólera.

XXIX

E gozam da paz eterna, após o conhecimento de que sou Eu o fruitivo de todos os sacrifícios e austeridades dos homens, o Senhor Poderoso do universo inteiro e amigo de toda a criação.

CANTO VI

A prática do yoga

I

SHRI CRISNA: — Aquele que pratica a acção que se lhe impõe, sem pretensões aos seus frutos, é asceta e Yogui, simultâneamente, e não o é quem se dispense do fogo sacrificial ou prescinda de agir.

II

Sabe tu, ó Arjuna, o que se chama ascetismo é o Yoga, porque sem o renunciamento dos desejos é impossível tornar-se Yogui.

III

Para ascender a Yoga, a acção é a sua via, e para transcendê-lo, a abnegação completa é a sua rota.

IV

Quando o homem não se prende a objectos sensíveis, é desprendido da acção e renuncia a todos os desejos, diz-se, então, que ele está assente no Yoga.

V

Todo o homem deve trabalhar, sem esmorecer, para a sua ascensão, por intermédio do seu eu, pois o eu é amigo ou inimigo, segundo as circunstâncias.

VI

O eu torna-se amigo quando é conquistado por Eu e é seu inimigo quando é desenfreado.

VII

O homem que conquistou o eu atinge a serenidade e torna-se equânime perante o calor e o frio, o prazer e a dor, a glória e a infâmia.

VIII

Diz-se Yogui quem está satisfeito com o conhecimento intuitivo e científico de si, senhor dos seus sentidos e considera como iguais a terra, a pedra e o ouro.

IX

E está na culminância do Yoga quem trata como seu igual o amigo íntimo, o indiferente, o neutro, o inimigo, o irmão, o santo e o pecador.

X

É necessário ao Yogui praticar contìnuamente a sua união com o Eu, vivendo em retiro e só, banindo da sua mente todo o desejo e ideia de posse e evitando as emoções que o possam abalar.

XI

Forma-se o assento, não muito alto nem muito baixo, consistindo na erva sagrada coberta da pele de gazela, e por cima um tecido de algodão, escolhendo para isso um sítio limpo.

XII

E coloca-se nele, mantendo sob o seu domínio todas as actividades dos sentidos e a consciência e concentrando-as, com o fim da sua purificação.

XIII

Mantém-se na linha vertical o corpo, a nuca, a cabeça e, imóvel, converge-se o olhar na raiz do nariz, sem o desviar.

XIV

E na serenidade do espírito, livre do medo, observando a continência, orienta-se toda a atenção para o Eu, até ser absorto por Ele.

XV

Continuando desta forma a sua prática de dominar a mente, o Yogui atinge a paz suprema, que tem a sua base em Mim.

XVI

Este Yoga, ó Arjuna, não é para aquele que come em excesso e dorme muito, nem é para quem se priva, por completo, da sua alimentação e sono;

XVII

Mas para quem é moderado na sua alimentação, no sono e em todo o seu agir, sendo este Yoga aniquilador de todos os sofrimentos.

XVIII

Quando o homem domina a sua mente e se tranquiliza no Eu, isento completamente de desejos, diz-se então que ele tem a sua formatura no Yoga.

XIX

A calma mental do Yogui pela prática da sua união com o Eu é comparável à imobilidade da lâmpada de óleo conservada no lugar sem vento.

XX

Quando se consegue a calma, refreando os sentidos pela prática contínua do Yoga, o homem sente a grande satisfação em mirar o seu eu no Eu.

XXI

E quando se experimenta essa beatitude, concebível à razão pura, sendo inacessível aos sentidos, o homem se não desvia deste estado.

XXII

É a maior conquista humana, perante a qual todas as outras perdem o seu valor, e, uma vez tendo a posse desta, o homem não se abala na maior calamidade.

XXIII

Este estado é o Yoga disjuntivo do sofrimento, que todo o homem deve conhecer e alcançá-lo com coragem e entusiasmo.

XXIV

Começa-se por deixar ao abandono, sem excepção, todos os desejos nascidos da imaginação e reprimir os sentidos, de todos os lados, pela vontade consciente.

XXV

E, lentamente, faz-se cessar todo o pensamento pela reflexão, orientando-o para o Eu, exclusivamente.

XXVI

Todas as vezes que a atenção fuja ou escape do alvo, é preciso dominá-la e trazê-la à submissão do Eu.

XXVII

E, desta forma, a mente, tornando-se calma completamente, sem o mínimo resíduo de desejo, chega-se à beatitude que o eleva a Brahman.

XXVIII

Assim o Yogui, livre de desejos, continuando constantemente as suas práticas, goza da beatitude suprema do encontro com Brahman.

XXIX

O Yogui, uma vez convertido em Brahman, vê na igualdade toda a existência, isto é, vê o seu Eu em todas as criaturas e estas no seu Eu.

XXX

Aquele que Me vê em todas as criaturas e estas em Mim, não se separa de Mim nem Eu o deixo afastar de Mim.

XXXI

O Yogui que se apoia sobre a unidade e Me ama em todos os seres, vive sempre em Mim, seja como for a sua maneira exterior de viver.

XXXII

E é tido por sumo Yogui aquele que cria em si a capacidade de sentir os prazeres e penas de todas as criaturas e remediar estas últimas.

XXXIII

ARJUNA: — O Yoga da equanimidade, que tu acabaste de me explanar, parece-me, não tem bases sólidas para a sua realização, visto a mente ser sempre instável.

XXXIV

Além de a mente ser polimorfa, ó Crisna, ela é veemente, forte e indomável. É difícil de ser dominada, tal como o vento.

XXXV

SHRI CRISNA: — Sem dúvida, a mente é difícil de ser dominada, mas, ó Arjuna, pode ser refreada pela prática constante e desprendimento completo das coisas mundanas.

XXXVI

Para quem não conquistou a sua mente, é inacessível este Yoga; mas quem dominou a sua mente alcança-o pelo esforço apropriado e perseverante.

XXXVII

ARJUNA: — Qual é o destino daquele que empreendeu este Yoga com fé e não logrou a perfeição nele, nesta vida, por não ter conseguido dominar a sua mente errante, completamente?

XXXVIII

Com o malogro da sua ascensão à consciência universal e tornando-se inábil para a vida presente, perecerá ele, ó Crisna, como a neblina que se dissolve?

XXXIX

Só tu, ó Crisna, melhor do que ninguém, serás capaz de desfazer completamente esta minha dúvida.

XL

SHRI CRISNA: — Ele não será perdido nesta vida nem noutra, pois o mínimo bem que se pratique neste mundo nunca dará em resultado mal algum.

XLI

Chegará ele ao mundo dos virtuosos, onde, demorando-se por tempo imensurável, renascerá, neste mundo, na família dos puros e gloriosos.

XLII

Ou, então, renascerá ele na família do sábio Yogui, situação mui rara de se obter, neste mundo.

XLIII

E, ó Arjuna, lá ele recobrará o estado mental da sua união com Brahman, da vida precedente, e novamente se esforçará para a perfeição.

XLIV

A prática residual do Yoga da sua vida anterior o impelirá, irresistìvelmente, avante e um pequeno esforço de conhecer o Yoga o fará logo sábio na escritura sagrada dos Vedas.

XLV

Mas com o esforço assíduo, purificado de todos os pecados, aperfeiçoando-se através de vidas sucessivas, é que se atinge o fim supremo, o Yoga.

XLVI

O Yogui está no mais alto grau que o asceta e é maior que o homem do conhecimento, e é ainda maior que o homem da acção. Sê tu, portanto, o Yogui, ó Arjuna!

XLVII

Entre todos os Yoguis, tenho-o por melhor unido comigo no Yoga aquele que Me adora do fundo do seu ser e com toda a fé.

CANTO VII

Conhecimento intuitivo e discursivo

I

SHRI CRISNA: — Escuta, ó Arjuna, como tu Me chegarás a conhecer integralmente, praticando o Yoga e amando-Me do fundo do teu coração, fixando toda a tua atenção em Mim.

II

Vou-te explicar, sem nada omitir, em que consiste o conhecimento discursivo e bem assim o conhecimento intuitivo, e, inteirando-te destes, não te restará nada a saber.

III

Entre milhares de homens um e outro se consagra à perfeição, e entre milhares destes um e outro Me chega a conhecer em todos os princípios da minha existência.

IV

A terra, a água, o fogo, o ar, o espaço, a mente, a razão e a personalidade: é a minha natureza octófida.

V

Esta é a minha infra-natureza. Sabe tu, ó Arjuna, que existe a outra que é supra ou real, pela qual este universo é amparado.

VI

Sabe que estas são as matrizes de toda a existência. Sou Eu a origem e o fim do universo inteiro.

VII

Fora de Mim, ó Arjuna, não existe nada supremo. É em Mim que tem existência este universo como a enfiada de pérolas num único fio.

VIII

Ó Arjuna, Eu sou a fluidez da água e a luz do Sol e da Lua. Sou Pranava (silaba Aum) em todos os Vedas e sou o som no éter e a virilidade nos varões;

IX

Sou o puro aroma da terra e a energia calorífica do fogo. Sou a força vital em todos os seres e sou a austeridade dos ascetas.

X

Sabe, ó Arjuna, que sou o gérmen eterno de toda a existência. Sou a inteligência dos inteligentes e a energia dos enérgicos.

XI

Sou a força do forte isento de desejos e atracção e sou o desejo em todos os seres, não sendo contrário à lei da vida.

XII

Os estados sátvicos, rajásicos e tamásicos, neste mundo, procedem de Mim, mas eu não Me limito àqueles; eles são limitados por Mim.

XIII

Por esta tríade de qualidades todo o mundo é sequestrado e ignora a Mim, que sou Supremo, imperecível e transcendente.

XIV

É este o meu mistério, dimanado de três qualidades, que é difícil de se transpor. Transpõem-no, sòmente, aqueles que se refugiam em Mim.

XV

Não Me compreendem, porém, aqueles que têm propensão para o mal, celerados, tipos ínfimos da escala humana, vivendo nas trevas da ignorância, cingindo-se só à matéria.

XVI

Entre os virtuosos que Me adoram, há quatro tipos, ó Arjuna: os que sofrem, os que procuram o bem material neste mundo, os que se consagram ao conhecimento e, finalmente, os sábios.

XVII

De entre todos é o sábio que está na primeira plana, pois está ele em constante união Comigo, amando-Me com puro amor, e é de Mim mui amado.

XVIII

Nobres são todos eles, sem excepção, mas o sábio que Me ama considero-o como Eu próprio, porque ele Me tem por seu único fim supremo e como tal Me anda sempre unido.

XIX

O sábio chega a atingir-Me, depois das suas vidas sucessivas e após o conhecimento de que tudo o que existe é o Ser Omnipresente; raro, é, porém, este acontecimento.

XX

Os homens, em geral, segundo as exigências da natureza de cada um, iludidos pelos seus desejos, adoram tal ou tal divindade e fixam as regras da sua devoção.

XXI

Variadas que sejam as suas maneiras de adoração, faço Eu com que a fé de cada um seja firme e não vacile.

XXII

Com a fé ardente, os homens veneram esta ou aquela Minha forma, e, pela força da sua fé de adoração, obtêm eles os frutos desejados que Eu próprio lhes proporciono.

XXIII

Mas estes frutos procurados por estes homens de mentalidade fraca são temporários. Os adoradores dos deuses chegam a deuses e os meus Me chegam a Mim.

XXIV

Os homens de inteligência fraca julgam que Eu sou limitado na única manifestação, visto eles não conhecerem a minha natureza suprema, imperecível e de perfeição absoluta, não manifestada.

XXV

Eu não sou revelado a todos os homens, envolto como estou no meu misterioso poder, e eles na sua ilusão não Me compreendem a Mim, que sou inascível e imperecível.

XXVI

Eu conheço todas as existências passadas, presentes e futuras, ó Arjuna, mas ninguém Me conhece.

XXVII

Pela miragem da dualidade que provém do desejo e da repulsão, ó Arjuna, todas as criaturas estão sujeitas à ilusão.

XXVIII

Mas aqueles que dissipam os seus pecados pela prática de virtudes e são livres da atracção e da repulsão, Me adoram firmes, consagrando-se inteiramente.

XXIX

Aqueles que se refugiam em Mim e se esforçam por evitar a velhice e a morte, chegam a conhecer Brahman e tudo o que concerne ao princípio espiritual e à acção no seu princípio integral.

XXX

Aqueles que Me conhecem como unicidade do princípio material, teológico e de sacrifício e conservam este conhecimento até ao seu término, atingem-Me.

CANTO VIII

Conhecimento de Brahman

I

ARJUNA: — Que vem a ser Brahman? Que relação tem com o princípio espiritual? Que se entende por acção? E, ó Supremo, que vem a ser o princípio material? Que se entende por princípio teológico?

II

Que vem a ser o princípio do sacrifício? Qual é a sua relação com o nosso corpo? Dize-me, também, ó Crisna, como tu podes ser conhecido, no final da sua existência, por aquele que conquistou o auto-domínio.

III

SHRI CRISNA: — O ser supremo absoluto é Brahman e a sua manifestação no mundo dos vivos é chamada o princípio espiritual, e o movimento criador da evolução universal chama-se acção.

IV

O princípio material é a minha forma perecível; o princípio teológico é o ser subjectivo dos homens, e, ó Arjuna, sou Eu próprio o princípio do sacrifício, em todos os homens.

V

Quando o homem abandona o seu corpo, pensando, meditando, até ao último suspiro, em Mim, é sem dúvida que ele chega a Mim.

VI

Porque são as ideias predominantes da vida, mantidas até ao último suspiro, que se realizam no final.

VII

Por isso, ó Arjuna, pensando a todo o instante em Mim, luta tu, com o espírito fixo e consagrado a Mim, e assim, infalìvelmente, chegarás a Mim.

VIII

Porque, ó Arjuna, pensando, meditando só no Supremo, com o espírito orientado para Ele, com a prática constante do Yoga, é que se atinge o Supremo.

IX

Aquele que orienta todo o seu pensamento, ùnicamente, ao Supremo, que é omnisciente, sempiterno, subtilíssimo, senhor e esteio de toda a existência, inconcebível, radiante como o Sol para além do espaço e do tempo,

X

E concentra firme e sereno, pelo amor e pela força do Yoga, toda a sua vitalidade na região entre as sobrancelhas, até ao momento do seu término, chega ao Supremo.

XI

Vou-te dizer, ràpidamente, a maneira de alcançar este estado supremo, imutável, descripto nos Vedas, única

guarida dos ascetas e anseio único daqueles que fazem voto de castidade:

XII

Fecham-se todas as vias aferentes e eferentes dos sentidos, interiorizando todas as actividades do espírito, e fixando-as em uma e única ideia de Brahman, convergindo a vitalidade na região da fontanela anterior, e nesta postura peculiar do Yogui,

XIII

Pronunciando o monossílabo AUM, símbolo de Brahman, e fixando todo pensamento em Mim, abandona-se o corpo mortal e, assim, chega-se ao Supremo.

XIV

Aquele que, a todo o momento, sem se subtrair, pensa em Mim e se torna uno Comigo, Me atinge, fàcilmente, ó Arjuna!

XV

Desta maneira, muitas grandes almas, alcançando-Me, extinguiram o ciclo do nascimento e morte, condição transitória e penosa para o homem, e chegaram à perfeição Suprema.

XVI

Toda a existência espaço-temporal está sujeita ao ciclo da vida e morte, mas, uma vez tornada una Comigo, extingue-se-lhe esse ciclo.

XVII

Aquele que é capaz de conceber o ciclo eterno do dia e da noite de Bramá, cada um durando mil idades, só este conhece o significado do dia e da noite.

XVIII

Com o raiar do dia de Bramá entra em formação, no Ser virtual, o universo cósmico e à chegada da noite regressa tudo ao seu estado primordial.

XIX

E assim, todo o conjunto da criação, entrando na evolução universal, se sume com a vinda da noite, para vir à luz, novamente, com o alvor do dia.

XX

Para além desse Ser Virtual, existe o outro da suprema potencialidade, eterno e imperecível, não obstante a dissolução do universo cósmico.

XXI

Chama-se este O Absoluto, Não Manifestado e Imutável. É a suprema mansão, que, uma vez atingida, o homem se livra do ciclo cósmico; é a Minha Mansão.

XXII

E, ó Arjuna, conquista-se esse Absoluto, princípio essencial de todo o universo, substância de toda a existência, por uma devoção extremamente fervorosa.

XXIII

Agora, ó Arjuna, vou-te dizer os sinais que, ao finar-se o Yogui, denunciam se ele escapará ou estará sujeito ao ciclo da vida e morte:

XXIV

O Yogui, conhecedor de Brahman, expira na pujança da sua vida de sacrifícios com a inteligência lúcida, se-

renidade crescente do espírito, radicando bons sentimentos em todos os circunstantes, e atinge Brahman.

XXV

E aquele que se fina exaurido de forças, inteligência apagada, serenidade minguante, incógnito aos outros, regressa para viver a vida mundana, depois de curto tempo.

XXVI

São duas as vias, uma luminosa (da acção inteligente) e a outra sombria (da acção sem inteligência), conhecidas, desde remotos tempos, para o destino do homem. Uma, que é chamada a via divina (Devayana), leva-o até Brahman, e a segunda, via ancestral (Pitrayana), faz regressá-lo para viver no mundo.

XXVII

Mas o Yogui, conhecendo o segredo dessas vias, segue sempre, sem errar, a divina. Por isso, ó Arjuna, sê tu Yogui devoto.

XXVIII

O Yogui, tendo o seu alvo em Brahman, sem se importar com os frutos das acções do estudo dos Vedas, sacrifícios, austeridade e caridade, considerados meritórios, atinge-O directamente.

CANTO IX

Conhecimento da devoção

I

SHRI CRISNA: — Vou-te revelar, agora, o maior segredo, pois tu és capaz de penetrá-lo e, compenetrando-te dele, livrar-te-ás de todos os males.

II

É o conhecimento por excelência, segredo sumo, sabedoria excelsa, luz resplandecente, verificável pela experiência directa, lei própria do ser, fàcilmente praticável e imperecível.

III

Mas aqueles que não têm fé neste conhecimento superior da verdade, não Me atingem; sujeitam-se aos vaivéns da sorte da vida ordinária.

IV

O universo inteiro é emanado de Mim, é em Mim que ele tem a sua existência, não sendo, porém, Eu imanente nele.

V

Eis o misterioso poder: não obstante ser Eu sustentáculo do universo inteiro e Me refletindo nele, não sou imanente em nenhuma criatura.

VI

Assim como o ar tem a sua existência no éter (dentro de certos limites), assim o universo inteiro tem a sua existência em Mim.

VII

No fim de cada ciclo cósmico, todo o universo entra em dissolução na minha natureza, ó Arjuna, e ao recomeçar o ciclo entra, novamente, em formação.

VIII

Imponho à minha própria natureza, cada vez, emanar inumeráveis seres submetidos, em tudo, a ela.

IX

Estes actos não Me prendem, ó Arjuna; assisto indiferente a esses actos, sem Me prender.

X

Presido a toda essa criação do animado e do inanimado da natureza e, ó Arjuna, é por isso que o mundo tem o seu «devenir» incessante.

XI

Sou incompreendido dos ignorantes, como estou na forma humana, por não conhecerem a minha suprema natureza, e ser Eu senhor de todas as existências.

XII

Vãs serão as esperanças, vãs as acções e o saber desses que perderam a razão, tomando a aparência pela realidade, deixando-se cair no materialismo.

XIII

Mas almas grandes, ó Arjuna, que têm propensão à perfeição, Me conhecem como imperecível, princípio eterno de toda a existência, e, assim, Me amam com toda a efusão do seu coração.

XIV

E perseverando no seu esforço espiritual, glorificam-Me, prosternam-se e Me prestam culto com suma devoção.

XV

Há outros que, fazendo voto do conhecimento, Me adoram na minha unidade e bem assim na multiplicidade, considerando-Me omnímodo.

XVI

Sou o ritual do sacrifício e o sacrifício também; sou a libação dos defuntos e o alimento de todos; sou o hino sagrado e a oblação; sou o fogo, a manteiga e todas as oferendas;

XVII

Sou o pai e a mãe deste universo; sou o criador e ordenador dele; sou o objecto do conhecimento puro; sou o AUM dos Vedas e os próprios Vedas: Rig, Yajur e Sama;

XVIII

Sou o destino, o sustentador, o senhor, a testemunha, o refúgio, o guarda, o amigo, o criador e o destruidor de todas as existências; sou a mansão da paz e da eternidade e a semente imperecível de todos os seres;

XIX

Sou Eu que, Me tornando o Sol, desenvolvo o calor neste mundo e, retendo os vapores da água, os transformo em

chuva; sou a imortalidade, e bem assim a morte; a existência e a não existência sou Eu, ó Arjuna!

XX

Ao revés, porém, os homens que conhecem a tríade védica e se julgam purificados com a bebida de Soma, Me adoram pelo sacrifício védico com o único fim de gozar os prazeres celestes, e alcançam o céu, realmente.

XXI

Mas, esgotados os seus méritos, após a vida celeste de algum tempo regressam eles ao mundo dos mortais. Assim, cingindo-se só no sacrifício védico, cujo alvo é satisfazer os desejos, sujeitam-se ao ciclo cósmico da vida e morte.

XXII

Mas os homens que Me adoram com o amor exclusivo, fazendo de Mim o único objecto do seu pensamento, Eu os provejo em tudo.

XXIII

E, ó Arjuna, mesmo aqueles que, com a fé sincera e ardente, adoram divindades, tomo-os por adoradores Meus, mas mediatos.

XXIV

Porque Eu sou fruitivo e senhor de todos os sacrifíos consagrados, seja a quem for, e como eles Me não compreendem na minha essência, permanecem nas suas ilusões.

XXV

Aqueles que adoram as divindades atingem-nas; os que prestam culto aos antepassados chegam para o mundo deles; os que se consagram aos espíritos elementares alcançam-nos e os que Me adoram, Me chegam.

XXVI

Uma folha, uma flor, uma fruta ou um pouco de água até, oferecida a Mim, com dedicação, por qualquer pessoa devota, é para Mim muito agradável.

XXVII

Renuncia tu, ó Arjuna, todas as tuas acções respeitantes à subsistência, ao sacrifício, à caridade e à ascese, em Mim.

XXVIII

Assim, ficando livre de vínculos da acção, ou antes renunciando aos seus frutos, bons ou maus, estarás unido a Mim, para sempre.

XXIX

Eu sou igual para com todas as existências; ninguém Me é caro nem odiento. No entanto, aqueles que se dedicam a Mim, com amor e devoção, existem em Mim e Eu neles.

XXX

Ainda o maior perverso deste mundo, se se Me dedica, com toda a efusão do seu coração, deves tê-lo por santo, porque a perseverança dele o caminhará sempre para a perfeição.

XXXI

Converter-se-á ele ràpidamente em uma alma virtuosa e obterá a paz eterna. Eis a minha promessa: «Quem me ama não morre».

XXXII

Ainda que seja o pária, descendente dos pecadores, bem assim todo o género humano feminino, os váixias e sudras, se se refugiam em Mim, alcançam o bem supremo, ó Arjuna!

XXXIII

Nem se fale dos santos brâmanes e reis sábios e devotos que são meus; e tu, ó Arjuna, que vieste a este mundo efémero, vale de lágrimas, ama-Me, volvendo-te para Mim.

XXXIV

Põe toda a tua aspiração em Mim, pelo amor puro adora-Me, sacrifica-te a Mim, prosterna-te perante Mim. Deste modo, submerso em Mim, unido a Mim, confundir-te-ás Comigo, que sou o fim último e supremo.

CANTO X

Suprema palavra

I

SHRI CRISNA: — Escuta, ó Arjuna, ainda uma vez, a minha palavra suprema; vou-te dizer, para teu bem e porque te prezo muito:

II

Nem os deuses nem os maiores rixis conhecem a minha origem, porque Eu sou a origem desses deuses e desses rixis.

III

Aquele que Me conhece, sem ilusão, como sem nascimento, sem origem, Senhor Soberano do mundo e dos povos, fica livre de todos os pecados e males.

IV

A inteligência, o conhecimento, o discernimento, a indulgência, a verdade, o auto-domínio, a serenidade, o prazer, a aflição, o nascimento, a morte, o medo e a coragem,

V

Bem assim, a não violência, a igualdade, a satisfação, a austeridade, a generosidade, a glória, a infâmia, todas estas qualidades no homem procedem de Mim.

VI

Os sete grandes rixis e os quatro Manus de que descendem todos os seres vivos deste mundo, são emanação intelectual Minha.

VII

Aquele que conhece, em todos os princípios, essa Minha expansão Yóguica, sem dúvida alcança o Yoga e se mantém firme e inabalável nele.

VIII

Sou a origem de todas as criaturas e sou Eu que animo tudo. Conhecendo profundamente esta verdade, certos homens Me adoram com um amor fervoroso.

IX

E eles, concentrando todo o seu espírito em Mim, sacrificando toda a sua vitalidade por Mim, ilustrando-se uns com os outros, Me gloriam e assim exultam.

X

A esses enlevados que me adoram com o amor profundo, dou-lhes a claridade intelectual suficiente para Me atingirem.

XI

E, por piedade deles, com o facho Meu, qual lâmpada refulgente do conhecimento, destruo todas as trevas da sua ignorância.

XII

ARJUNA: — Tu és o supremo Brahman, a suprema mansão, a suprema pureza, a única existência, Deus único e original, não nascido, Senhor e omnipresente.

XIII

Todos os rixis Te louvam, unânimemente, nesses termos e os poetas Narada, Acita, Devala e Viassa Te cantam da mesma forma, e Tu próprio me declaras o mesmo.

XIV

Acredito em tudo o que Tu me dizes. Mas, ó Crisna, a Tua origem é uma incógnita, tanto para os deuses como para os demónios.

XV

Tu, o criador e senhor do universo, animador de toda a existência, Deus Único, só Tu Te conheces, ó Supremo, pelo Teu misterioso poder.

XVI

Dize-me, sem nada omitir, as tuas manifestações sublimes, pelas quais Tu transpareces neste mundo cósmico.

XVII

Dize-me, também, como eu Te posso conhecer, em todos os instantes e em todos os lugares, e qual o Teu aspecto que eu devo tomar na minha oração mental quotidiana, ó Crisna.

XVIII

Explica-me, ó Crisna, detalhadamente, todo este Teu mistério e as Tuas manifestações. Será para mim o néctar da imortalidade e um encanto ouvi-lo, sem me fartar.

XIX

SHRI CRISNA: — Sim, vou-te enumerar, ó Arjuna, com prazer, só as minhas manifestações proeminentes, porque todas elas são sem fim e sem limites.

XX

Sou a essência eterna, ó Arjuna, de todas as criaturas do universo e sou o princípio, o meio e o fim de todos os seres.

XXI

Entre os Adítias sou Visnum e o Sol radiante entre as luzes e esplendores. Sou Marichi entre os Marutas e a Lua entre os astros que brilham no céu.

XXII

Sou o Sama entre os Vedas e Vassava (Indra) entre os deuses. Sou a mente nos sentidos e sou a vitalidade de todos os seres vivos.

XXIII

Sou o Civa entre os Rudras e o senhor de riquezas entre os Yacxas e Racxassas. Sou o fogo entre os Vassus, e Meru entre as montanhas.

XXIV

Sabe tu, ó Arjuna, que sou Brahaspati entre os predicadores eminentes. Sou Scanda entre os comandantes dos exércitos e o oceano entre as águas correntes.

XXV

Entre os grandes rixis sou Brhagu e sou AUM, sílaba sagrada entre as palavras. Sou Japa (repetição silenciosa dos nomes sagrados) entre as formas de adoração e Himalaia entre os imóveis.

XXVI

Entre as árvores sou Ashvatha (árvore do pimpol) e Narada entre os rixis divinos. Sou Chitraratha entre os Gandharvas e o sábio Capila entre os perfeitos.

XXVII

Sabe tu que sou Ucheishravá, nascido do néctar, entre os cavalos, e Airavat entre os elefantes, e entre os homens o chefe soberano sou Eu, ó Arjuna!

XXVIII

Sou o raio entre as armas e Camadhenu (vaca da abundância) no gado vacum. Sou o instinto genésico nos progenitores e Vassuqui entre as cobras.

XXIX

Sou Ananta entre os Nagas e Varuna entre os povos marítimos. Sou Ariamá entre os manes e Yama entre aqueles que sancionam as leis.

XXX

Sou Pralada entre os aborígenes selvagens e o Tempo entre os devoradores. Sou o leão entre os animais silvestres e a águia entre as aves.

XXXI

Entre os purificadores sou o vento e Rama entre os guerreiros. Sou o crocodilo entre os aquáticos e Ganges entre os rios.

XXXII

Da criação sou Eu o princípio e o fim e também o meio. Nas ciências sou o conhecimento espiritual e nos debates sou dialéctica, ó Arjuna!

XXXIII

Sou A nas letras do alfabeto e composto dual nas palavras compostas; sou o imperecível tempo e senhor soberano de toda a existência.

XXXIV

Sou a morte que ceifa tudo, sem distinção, e o começo daqueles que virão a nascer. No vocabulário feminino que diz respeito a qualidades, sou a glória, a riqueza, a palavra, a memória, a inteligência, a constância e a misericórdia.

XXXV

Sou o grande Saman entre os hinos e Gaiatri na rítmica; sou Margaxirxa entre os meses e a Primavera entre as estações.

XXXVI

Nas artimanhas especulativas sou o jogo dos dados, e nos poderosos a força. Sou a resolução, a perseverança e a vitória e sou a qualidade sátvica dos bons.

XXXVII

Sou Crisna no *clan* dos Vrasnis e Arjuna entre os Pandavas. Sou Viassa entre os sábios e Uxaná entre os poetas-profetas.

XXXVIII

Sou a soberania e o poder dos governantes e a diplomacia dos conquistadores. Sou o silêncio do segredo e dos grandes sábios o conhecimento.

XXXIX

Sou a semente de todas as criaturas. E, ó Arjuna, nenhum ser, quer animado quer inanimado, pode existir, neste universo, sem Mim!

XL

As minhas manifestações proeminentes são sem fim, ó terror dos inimigos. O que te acabei de expor é um sumário delas, para tua ilustração.

XLI

Tudo o que te inspira o respeito, bem assim, tudo o que é belo e sublime, considera-o como originado do facho da Minha essência.

XLII

Mas, que te importa a ti conhecer tudo isso em detalhes? Sabe tu, ó Arjuna, que o universo inteiro tem o seu «devenir» na pequena parcela da Minha Essência.

CANTO XI

Visão do macrocosmo

I

ARJUNA: — Pela Tua misericórdia, Tu me desvendaste o segredo supremo do conhecimento espiritual, e, assim, dissipaste todas as minhas ilusões.

II

Dissertaste sobre a criação e a dissolução do universo e, bem assim, sobre a maravilha do Teu poder.

III

Convenço-me da verdade inteira da Tua lição. Mas, ó Supremo, não me darei por satisfeito sem Te ver na forma divina, tal qual acabaste de me descrever.

IV

Descobre-me, portanto, essa tua forma imperecível, ó Supremo Yogui, para eu a ver, se não achares inconveniente algum da Tua parte.

V

SHRI CRISNA: — Vais tu contemplar, ó Arjuna, em centenas e milhares, as minhas formas, variadas em género e diversas em cores.

VI

Contempla os Adítias, os Marutas, os Vassus, os Rudras, os dois Asvinas, e muitas outras maravilhas que ninguém, até hoje, contemplou.

VII

Hoje mesmo, e neste mesmo lugar, vais tu contemplar, ó Arjuna, o mundo inteiro dos animados e inanimados, unificado no Meu corpo, e tudo o que tu desejas observar.

VIII

Persuado-Me, porém, de que tu não poderás atingi-lo com esses olhos humanos. Vou-te dar a visão divina com que, num relance, apanharás toda a Minha maravilha.

IX

SANJAIA: — Dito isto, ó Majestade, Shri Crisna, o maior Yogui, revelou a Arjuna a sua magna forma.

X

Era uma forma majestosa, com miríades de faces e inúmeros olhos, que se multiplicava em outras tantas formas, com inumeráveis ornamentos e armas variadas nas suas mãos.

XI

Trazia grinaldas e trajes sublimes, com o corpo todo odorífero, untado dos bálsamos aromáticos divinos, com as faces numerosas dirigidas para todos os lados, portentoso no seu aspecto singular.

XII

O seu esplendor era tão grande que se não poderia comparar com a luz de milhares de sóis reunidos e brilhando simultâneamente no céu.

XIII

E Arjuna viu nela o mundo inteiro dividido em miríades de formas, mas unificado no corpo do Deus dos deuses.

XIV

E com essa visão, Arjuna, todo espavorido, com arrepios, prosternou-se perante aquela figura grandiosa, e com as mãos unidas, disse:

XV

ARJUNA: — No vosso corpo que ostentais, ó Deus, vejo eu todos os deuses em peso e variadas legiões dos seres: Bramá, o Deus criador sentado na flor de lótus, com rixis na máxima serenidade e a serpente divina ao seu lado.

XVI

Vejo os vossos braços, os ventres, os olhos e as faces em número ilimitado. Vejo também vossas formas infinitas percorrerem por todos os lados; não descubro, porém, o começo nem o meio, nem o fim, ó Senhor do Universo, ó Mestre Soberano!

XVII

Vejo-Vos, Senhor, com a coroa, o disco e a maça de uma refulgência tal que me ofusca a vista, irradiando por toda a parte, como a luz do fogo ou do Sol.

XVIII

Vós sois o Imutável Supremo que primeiro temos que conhecer. Sois o alto suporte e a grande mansão do universo. Sois o guarda imperecível das leis eternas e essência sempiterna do universo.

XIX

Sem o começo, nem o meio, nem o fim, sois infinito no poder, com os braços inúmeros e os olhos brilhando como o Sol ou a Lua. Eu Vos contemplo a fisionomia a arder de fogo, transparecendo que tendes o firme propósito de consumir o universo inteiro nas suas chamas.

XX

Vós, o único, ocupais todo o espaço entre a terra e o céu, e o mundo todo já perdeu o alento em vendo essa Vossa temerosa figura.

XXI

Eis-me aqui diante das legiões dos deuses que se incorporam na vossa colossal figura, com as suas mãos unidas, a Vos venerar. Eis lá os rixis e os perfeitos a implorar a paz e felicidade para todos, gloriando-Vos com hinos laudatórios;

XXII

Eis acolá os Rudras, os Adítias, os Vassus, os Sadhias, os Asvinas, os Marutas, os Usmapas, os Gandharvas, os Yacxas, os Assuras, os Sidhas, todos a fitarem espantados a Vossa majestosa figura.

XXIII

O pavor e a angústia apoderaram-se deles e de mim, também, em ver essa Vossa figura colossal, com miríades

de cabeças, de olhos, de braços, de coxas, de pés e de ventres e de miríades de bocas com as dentaduras horrorosas.

XXIV

Vejo-Vos ocupando todo o espaço, flamejando em cores variadas, com as bocas abertas e os olhos enormes e brilhantes, o que me infunde o medo e a inquietação.

XXV

Tende misericórdia por mim, ó Deus dos deuses! Vou perdendo o alento e não sei orientar-me, vendo-Vos com miríades de bocas com dentes terríveis a vomitar chamas, para acabar, duma vez, o mundo.

XXVI

Eis os filhos de Dhratarashtra e todos os príncipes e, bem assim, os heróis Bhisma, Dronacharia e Carna, e também os principais combatentes do nosso exército,

XXVII

Vejo-os caírem, uns após outros, nas Vossas mandíbulas terríveis e alguns, já, com as cabeças esmagadas e sangrentas, estão engasgados nos Vossos queixais.

XXVIII

Assim como as águas dos rios correm pressurosas para se lançarem no mar, assim esses grandes heróis se precipitam nas Vossas bocas flamejantes;

XXIX

Assim como os insectos fototácticos voam céleres à chama incandescente que os consome, assim essas legiões de homens se precipitam nas Vossas mandíbulas fatais.

XXX

E Vós, já depois de consumirdes todos eles que entraram nas brazeiras das Vossas bocas, estais a lamber os Vossos beiços com línguas flamantes. Ó Infinito, o mundo todo se sente abrazado com o Vosso fogo!

XXXI

Revelai-me quem sois Vós, que revestis essa forma tão gigantesca e cruel! Ó Deus Supremo, curvo-me reverente perante Vós. Dai-me a Vossa graça; desejo conhecer-Vos! Donde viestes? Incompreensível é para mim o plano das Vossas obras!

XXXII

SHRI CRISNA: — Sou o Tempo, o destruidor do mundo; eis-me aqui para exterminar todos os povos. Exceptuando tu, ó Arjuna, ambos esses exércitos alinhados acabarão para sempre.

XXXIII

Levanta-te, ó Arjuna, para conquistar a glória, triunfando dos inimigos, e desfrutar o governo deste território opulento. Para Mim, eles já são mortos. Sê tu, sòmente, a causa ocasional da exterminação deles.

XXXIV

Acaba com eles, que são mortos, por Mim: o Drona, o Bhisma, o Jaiandratha, o Carna e outros cabos de guerra. Luta tu; vencerás, certamente, os adversários na batalha.

XXXV

SANJAIA: — Arjuna, ouvindo essas palavras de Shri Crisna, com as mãos unidas, todo atrapalhado, curvou-se perante ele e com a voz trémula disse:

XXXVI

ARJUNA: — Ó Soberano Mestre, é alegria e enlevo para os homens gloriar-Vos; é natural que os infiéis selvagens fujam de Vós, por não Vos conhecerem, e os perfeitos Vos venerem.

XXXVII

E estes Vos prestam homenagens sabendo que Vós sois o Criador original, maior que Bramá, o criador. Ó Infinito! Senhor dos deuses! Ó Mansão do universo, Vós sois o Absoluto Imutável, superior ao ser e não ser.

XXXVIII

Vós sois Deus Primordial, Deus Original, Deus Único, Mansão Suprema de todo o universo; sois o conhecedor, o conhecimento e a condição suprema; ó Infinito, Vós revestis todo este universo!

XXXIX

Vós sois o Poder executivo das leis eternas; sois o fogo, o ar, a água, a Lua, o Pai do criador Bramá e de todas as criaturas. Eu Vos saúdo mil vezes, muitas vezes, sempre!

XL

Saúdo-Vos pela frente, por trás, por todos os lados; porque Vós sois cada coisa e tudo deste universo. Sois infinito no poder e sem limites na produção. Ocupais tudo; sois omnímodo!

XLI

Mas eu, sem me compenetrar da Vossa majestade, quer pela minha imprudência, quer por irreflexão, ou em consideração da nossa amizade, Vos dirigi dizendo sempre: «Ó Crisna, ó Yadava, ó amigo!»;

XLII

E por ignorância, me portei sempre sem cortesia, nos passeios fluviais, ao descansar, ao sentar, ao jantar, e em todas as ocasiões, quer privadas, quer públicas. Imploro-Vos o perdão por tudo isso.

XLIII

Vós sois o Pai deste mundo dos animados e inanimados; sois o Soberano Mestre, o único venerável neste universo, incomparável e inigualável.

XLIV

Curvo-me reverente perante Vós; prosterno-me humildemente para a Vossa graça; Senhor Venerável, sede indulgente para comigo, como um pai para com o seu filho, um amigo para com o seu amigo, ou um amante para com a sua amada.

XLV

Rejubilo-me de ter visto a maravilha sublime; mas, o pavor que se tinha apoderado de mim não passou ainda. Imploro a Vossa graça para eu poder tornar a ver a Vossa forma primitiva.

XLVI

Desejo-Vos ver na vossa forma humana, com a coroa, o disco e a maça. Ó Infinito, absorvei esses miríades de braços, deixando, sòmente, os quatro usuais!

XLVII

SHRI CRISNA: — Por graça, e pelo poder maravilhoso, apresentei-te a Minha forma suprema, da potencialidade extrema, infinita, original, universal, que ninguém, exceptuando tu, jamais viu.

XLVIII

Só tu, ó Arjuna, tiveste a sorte de observar essa Minha forma, entre os mortais. Nem pelo estudo dos Vedas e pelos sacrifícios, nem pelas grandes oferendas, nem pelo ritual grandioso das ceremónias, nem pelas austeridades severas, se consegue vê-la.

XLIX

Não te inquietes com essa visão terrível da Minha forma nem te deixes comover nem desfalecer. Larga o medo e vai tu ver, com alegria, esta Minha forma.

L

SANJAIA: — Shri Crisna, o Supremo, falando assim a Arjuna, manifestou-se de novo na sua forma afável habitual, e deste modo consolou-o.

LI

ARJUNA: — Vendo-Vos, agora, na Vossa doce forma humana, ó Shri Crisna, já me sinto tranquilo e regressei ao meu estado habitual.

LII

SHRI CRISNA: — A forma suprema que tu acabaste de contemplar é a que os próprios deuses aspiram ver sempre.

LIII

Nem o estudo dos Vedas, nem a caridade, nem os sacrifícios, nem as austeridades permitirão alcançá-la.

LIV

Só com a devoção intensa, ó Arjuna, é possível vê-la, conhecê-la e penetrar na essência desta minha forma.

LV

E, ó Arjuna, aquele que se considera a si como instrumento Meu, em todas as acções aceita-Me como Supremo e Me ama com o amor sublime, desprendido de todas as coisas deste mundo e sem inimizade para com nenhuma criataura, esse atinge-Me.

Celui qui n'agit qu'en vue de Moi, qui fait de Moi son but suprême, qui se voue à Moi, celui-là parvient à Moi.

CANTO XII

Caminho da devoção

I

ARJUNA: — Os Yoguis adoram o Deus pessoal e os sábios amam o Absoluto imutável, não manifestado; desejo saber quem prima entre os dois.

II

SHRI CRISNA: — Aquele que, com a fé extrema, concentra o seu espírito em Mim, está em união comigo, Eu o tenho por Yogui devoto.

III

Aquele que adora o Absoluto omnipresente, não manifestado, essência eterna de tudo, imutável e inconcebível,

IV

E tendo ele conquistado o auto-domínio, trata como iguais todas as criaturas e consagra toda a sua existência para o bem de todos, Me chega, também.

V

Mas é pesado o esforço a que esse tem de se sujeitar para amar o Absoluto. É uma tarefa árdua para o homem, em geral.

VI

Porém, se renuncia em Mim todas as suas acções, dedicando-se-Me inteiramente, adorando-Me ininterruptamente, meditando em Mim, profundamente,

VII

E fixa todo o seu espírito em Mim, Eu o livro deste oceano tempestuoso do viver e do agir que o leva, no final, à morte.

VIII

Por isso, concentra tu toda a atenção em Mim, polariza toda a tua inteligência em Mim, e desta forma, sem dúvida, residirás em Mim.

IX

Se não és capaz de fixar todo o teu espírito em Mim, persevera em habilitar-te na prática do Yoga, e assim Me atingirás a Mim.

X

Se, ainda, és incapaz dessa prática, então adopta tu o princípio de servir-Me, isto é, praticar todas as acções pelo amor de Mim, e assim alcançarás a perfeição.

XI

E se tu te julgas, ainda, incapaz disso, então o único meio que tens é o de capitular e, conseguintemente, com a reflexão, renunciar a Mim todos os frutos das tuas acções.

XII

Pois do esforço do homem ao conhecimento da verdade é um passo; do conhecimento da verdade à sua contemplação, é outro; da contemplação ao renunciamento dos

frutos das acções, é o terceiro; e logo em seguida a paz suprema. Eis a norma natural da devoção.

XIII

Assim, aquele que não odeia nenhuma criatura e é amigo de todos e piedoso, sem egoísmo nem possessivo, equânime perante o prazer e a dor, e indulgente,

XIV

E bem assim, sempre contente e mestre de si, da resolução firme, Me ama dedicando-Me toda a sua mente e a razão, é devoto Meu querido.

XV

Aquele que não enfastia ninguém, nem é enfastiado pela sociedade, e é isento da paixão, da cólera, do medo e da angústia, é devoto da Minha predilecção.

XVI

Aquele que não ambiciona coisa alguma deste mundo, é puro, sempre pronto para servir quem quer que seja, abnegado, sem paixões, renunciou todas as iniciativas, é devoto a quem amo.

XVII

É devoto, também, aquele que não exulta nem se entristece, não deplora nada, sem desejos, renunciou ao bem como ao mal e sempre dedicado para Mim.

XVIII

Aquele que vê na igualdade os amigos e os inimigos, é equânime perante a honra e o opróbio, o calor e o frio, o prazer e a dor, desprendido de tudo,

XIX

E é indiferente perante a glória e a obscuridade, silencioso, sempre satisfeito, sem o domicílio fixo, e imerso em Mim, é devoto que prezo.

XX

E tenho por melhor devoto quem faz de Mim o seu único fim supremo e, com a fé e a exactidão perfeitas, segue as normas enunciadas na lei imortal da devoção.

CANTO XIII

Primeiros princípios

I

SHRI CRISNA: — O nosso corpo é chamado o campo, ó Arjuna, e quem conhece esse campo é chamado o conhecedor do campo, pelos sábios.

II

Compreende tu que sou Eu o conhecedor do campo, em todos os corpos e, ó Arjuna, o conhecimento desse campo e o do seu conhecedor constitui o conhecimento pròpriamente dito.

III

Que é esse campo? Qual é a sua natureza? Quais são as suas propriedades? Donde provém ele? Bem assim, quem é esse conhecedor do campo? Quais são as suas actividades? Vou-te explicar, resumidamente, para teu saber:

IV

Todas essas questões têm sido abordadas pelos rixis, a seus modos, nos Vedas, dedicando-lhes até estrofes sublimes; mas a análise racional do problema encontra-se em Bramassutras, em linguagem clara e concisa.

V

Esse campo é um agregado de Prakriti (a Natureza não diferenciada, princípio eterno do «devenir» e da acção),

do produto da sua evolução inorgânica: os cinco elementos (o espaço, o ar, a água, o fogo e a terra), do resultado da sua evolução orgânica: os dez sentidos e uma mente, a inteligência, a intuição do eu, e, enfim, os cinco objectos dos sentidos;

VI

A coesão destes elementos, a sua organização, a força vital, a atracção e a repulsão, o prazer e a dor, tudo isto é o campo com as suas formações.

VII

A antipatia pelas honras e estima, a isenção total da hipocrisia, a não violência, a indulgência, a rectidão, a veneração do mestre, a pureza, a firmeza, o auto-domínio,

VIII

O desprendimento dos prazeres dos sentidos, a eliminação radical do egoísmo, a compreensão nítida de que o nascimento, a morte, a velhice e as doenças são o sofrimento e a dor no homem,

IX

Não ser absorto pelo lar, nem ser preso absolutamente à família, a equanimidade perante a adversidade e, bem assim, perante a prosperidade,

X

Uma devoção fervorosa sem afrouxamento, a adoração constante da presença universal do eterno, o gosto pela solidão, a vida apartada de toda a multidão ou agregados sociais,

XI

A meditação dos problemas metafísicos, a consciência de que a ciência espiritual é eterna, tudo isto é declarado como sapiência, o reverso é a ignorância.

XII

Agora, vou-te abordar o conhecimento fundamental que, uma vez assimilado, te enlevará para a imortalidade: é o Supremo Brahman Eterno, que se não pode designar pela palavra existência ou não existência:

XIII

As suas mãos e os seus pés existem em toda a parte, ao redor de nós. São inúmeras as suas cabeças, as suas faces, as suas bocas; os seus olhos dirigindo-se em todos os lugares; as suas orelhas se encontram em toda a parte; abrangendo todo o universo, se excede;

XIV

Evidencia-se por todas as actividades dos sentidos, mas sem os respectivos órgãos. Não se prende a coisa alguma, não obstante ser suporte de tudo. Tem todas as qualidades, não sendo, porém, qualificável;

XV

É o único que existe no íntimo de todos os seres animados e inanimados e fora também. É móvel e imóvel ao mesmo tempo. Está longe, encontrando-se, porém, perto. É a subtileza dos subtis, e por isso é incompreensível;

XVI

Ele é uno e indivisível, mas mostra-se dividido em variadas criaturas, dando aparência de existências distintas. É a origem eterna de todas as existências, o amparo de todos os seres e, enfim, o absorvedor de tudo, na sua eternidade.

XVII

É a luz das luzes, o esplendor além das trevas profundas da nossa ignorância. É o conhecimento e o objecto do conhecimento, residindo no íntimo de tudo.

XVIII

Já te expliquei, sumàriamente, o que é o campo, o que é o conhecimento e o que é o objecto do conhecimento. Todo o meu devoto que conhece essa verdade, atinge-Me.

XIX

Sabe tu que a Natureza e o Espírito são ambos sem origem e eternos; e sabe, também, que a Natureza é a causa determinante do «devenir» universal.

XX

O princípio da causalidade e o da acção provêm da Natureza. O Espírito, colhendo as sensações dos objectos exteriores, converte-as em percepções do prazer e da dor.

XXI

O Espírito, sendo inseparável da Natureza, reflecte em si as actividades dela, e esta atracção pelas qualidades sujeita-o a moldes variados, bons ou maus, do seu nascimento, na Natureza.

XXII

O Espírito, inserido no nosso corpo, assistindo a todos os actos da Natureza, anuindo-os, sustentando-os, desfrutando as suas produções, é o Eu Supremo, soberano, todo poderoso.

XXIII

Assim, aquele que conhece, desse modo, o Espírito e a Natureza com as suas qualidades, qualquer que seja a sua maneira de viver e agir, não está sujeito ao ciclo da vida e morte.

XXIV

Esse conhecimento se adquire pela introspecção, em que o Eu eterno se torna aparente na própria existência humana, ou se adquire pelo Yoga da inteligência ou pelo Yoga da acção.

XXV

Mas o homem, em geral, que ignora essas vias do Yoga, adquire a Verdade escutando com fé e atenção os preceitos ditados pelos mestres e meditando-os, e, assim, evita o ciclo da vida e morte.

XXVI

Sabe, ó Arjuna, que todo o ser que vem ao mundo, quer animado quer inanimado, é o resultado da união do Espírito e da Natureza.

XXVII

Aquele que vê o Ente supremo, indistintamente, em toda a existência espaço-temporal, isto é, o imperecível no perecível, só este vê realmente.

XXVIII

Aquele que compreende que o Ente supremo existe em todas as coisas e em todos os seres e, sendo incapaz de

se deixar arrastar pelas paixões, atinge a condição suprema,

XXIX

Aquele que compreende que toda a acção é o atributo da Natureza, e que o Espírito só assiste impassível aos actos dela, é o sábio,

XXX

E quem chega a compreender que toda essa multiplicidade de existências se sucede no único Ser Supremo, e que tudo dimana d'Ele, atinge o Brahman.

XXXI

Ó Arjuna, o Ser Supremo é sem origem e Eterno, não limitado pelas qualidades da Natureza, imperecível, e não obstante se encontrar no nosso corpo, Ele não age nem é afectado.

XXXII

Assim como o éter subtil enche todo o espaço e penetra todos os corpos, sem se alterar, assim o supremo Espírito, existindo em todas as partes do nosso corpo, não é afectado.

XXXIII

Assim como o único Sol ilumina a terra inteira, assim o senhor do campo ilumina o campo inteiro, ó Arjuna!

XXXIV

Aquele que, pelos olhos do conhecimento, chega a compreender a distinção entre o campo e o seu conhecedor e o segredo da libertação do jugo da Natureza, atinge o Supremo.

CANTO XIV

A natureza e as suas qualidades

I

SHRI CRISNA: — Vou-te introduzir agora, ó Arjuna, no conhecimento supremo, sabedoria em extremo, cuja integração conduziu muitos sábios à perfeição.

II

Recorrendo-se a esse conhecimento, os sábios identificam-se Comigo, e assim evitam o nascimento durante a criação universal e a aflição da dissolução do universo cósmico.

III

A Natureza é a matriz em que Eu projecto o gérmen para se desenvolver, e brotam dela todos os seres deste mundo, ó Arjuna!

IV

Ela é a mãe, origem de todas as espécies vegetais e animais, variadas que sejam, na aparência, as suas matrizes geradoras, e Eu, o pai que lanço semente em todas elas.

V

As três qualidades Satva, Raja e Tama, nascidas da Natureza, fazem aprisionar, no nosso corpo, o seu senhor imperecível, ó Arjuna!

VI

Dentre elas a Satva é o farol da luz e a fonte da saúde, que, pela sua pureza, prende o homem ao conhecimento espiritual e à bemaventurança.

VII

A Raja tem por essência a atracção pelos objectos, que, gerando o desejo, prende o homem à acção.

VIII

A Tama envolve todos os mortais no véu da ignorância, arrastando-os à preguiça, à indiferença e ao sono.

IX

Em suma, a Satva liga o homem à felicidade suprema, a Raja condu-lo à acção e a Tama, cobrindo-o com o véu da ignorância, encerra-o na inércia, na apatia.

X

Umas vezes é a Satva que predomina, vencendo as duas, a Raja e a Tama; outras vezes a Raja domina a Satva e a Tama; ou a Tama se eleva acima da Satva e da Raja, ó Arjuna!

XI

Quando no homem os órgãos dos sentidos se mostram vivos e a inteligência é lúcida, deve-se compreender que na natureza dele há acréscimo da qualidade Sátvica.

XII

A ambição, o dinamismo, a iniciativa da acção, a inquietação e o desejo, são sinais da predominância da Raja.

XIII

A ignorância, a preguiça, a negligência, a aberração, tudo isto nasce quando a Tama predomina.

XIV

Quando a qualidade Satva persiste no homem até ao último suspiro, o seu espírito atinge o mundo dos sábios virtuosos, e lá retoma ele o novo corpo.

XV

Aquele que expira com a predominância da qualidade Raja renasce no meio social activo e o da Tama no meio dos ignorantes e brutos.

XVI

O fruto das obras praticadas com rectidão (obras Sátvicas) é a pureza de todos os sentidos. A dor é a consequência das obras Rajásicas e a ignorância é o resultado da acção Tamásica.

XVII

O conhecimento espiritual procede da qualidade Satva; a ambição nasce da Raja; e a ignorância, a ilusão e a negligência provêm da Tama.

XVIII

A ascenção espiritual é apanágio do homem Sátvico; a vida mundana cabe ao Rajásico; o aviltamento é a sorte do Tamásico, praticando actos indignos.

XIX

Quando o homem chega a conhecer, profundamente, que todas acções, quer físicas quer morais, procedem das qua-

lidades da Natureza e que, para além delas, existe o Supremo, que assiste a todos os mecanismos vitais, e se dirige a Ele, este atinge-Me;

XX

Quando o homem transcende as qualidades da Natureza que dirigem todas as actividades vitais, livra-se do nascimento, da decrepitude, da velhice, de todos os sofrimentos e da morte e chega à imortalidade.

XXI

ARJUNA: — Dizei-me, Senhor, os sinais evidentes daquele que transcendeu as três qualidades da Natureza. Como se porta ele? De que modo transcendeu ele essas qualidades?

XXII

SHRI CRISNA: — Ó Arjuna, aquele que não se escusa, nem foge à luz súbita no espírito (resultado da Satva crescente), ao impulso à acção (resultado da Raja crescente) e ao obscurecimento mental (resultado da Tama crescente), nem os deseja quando eles cessam;

XXIII

Indiferente a tudo, não se deixando influenciar pelas qualidades, conserva-se impassível, pela razão de que toda a acção procede do jogo da Natureza;

XXIV

Considera o prazer e a dor como sendo da mesma categoria, e toma por iguais a terra, a pedra e o ouro; firme, equânime perante o agradável e o desagradável, a glória e o ultrage;

XXV

Considera também que a honra e o ultrage são da mesma ordem, igual perante a facção dos amigos e a dos inimigos, e não é atreito à iniciativa do proveito material, esse homem transcendeu as qualidades da Natureza; ele é espiritual.

XXVI

E esse, quando Me ama, Me adora com amor fervoroso, ultrapassando as qualidades da Natureza, se torna capaz de se identificar com Brahman.

XXVII

Porque sou Eu a base de Brahman, da imortalidade, do princípio espiritual, da lei da vida eterna e da beatitude.

CANTO XV

O princípio espiritual no cosmo e no homem

I

O universo cósmico é figurado, pelos sábios, no Ashvatha imperecível (árvore do pimpol), que tem as suas raízes no alto (eternidade), os seus ramos se estendem em baixo (no mundo) e as suas folhas representam os hinos védicos. Quem o conhece é o conhecedor dos Vedas;

II

Os seus ramos, estendendo-se em baixo, dirigem-se para o alto e, impregnando-se das qualidades da Natureza, brotam gomos para novos ramos e novas raízes; as suas folhas verdes são os objectos dos sentidos e as suas novas raízes, irrigadas pelos desejos, dando o impulso à roda da acção, aprofundam mais e mais, neste mundo.

III

A sua forma completa tal como se acha descrita é um mistério neste mundo material dos homens; não se sabe o seu começo, nem o seu termo, nem a sua situação. Enraizado profundamente esse Ashvatha, é indispensável derrubar o seu trono com o machado do ascetismo;

IV

Entranhar-se e, descobrindo as suas raízes, caminhar e caminhar até atingir o Ser Supremo original de que dimana este mundo da acção e donde ninguém regressa, lá chegado uma vez.

V

Mas atingem esse Infinito Supremo só aqueles que são isentos de orgulho e vaidade e de tudo o que alimenta ilusão, sem ambições, tipos concentrados, livres dos desejos e da dualidade do prazer e dor e que têm conhecimentos profundos de tudo.

VI

Lá não há sol que os ilumine, nem a Lua que lhes dê o fresco luar, nem o fogo que os aqueça, e os homens que o atingem não mais regressam. É a Minha Suprema Mansão.

VII

Uma pequena fracção do meu Ser Supremo se torna espírito em todas as criaturas vivas, neste mundo cósmico, atraindo os cinco sentidos e o mental da Natureza.

VIII

Assim, o espírito, quando reveste o corpo, da mesma forma quando o rejeita, leva consigo esses sentidos e o mental, tal como a corrente aérea arrasta consigo o aroma exalado das flores.

IX

Imperando nos sentidos do ouvido, da vista, do tacto, do gosto, do olfato e no mental, o espírito do homem frui todos os prazeres dela.

X

O espírito, quando rejeita o corpo ou quando o reveste, aliando-se às qualidades da Natureza, desfruta os prazeres dos sentidos e é incompreendido do homem vulgar; só o vê aquele que tem olhos de sabedoria.

XI

Os Yoguis, pelos seus esforços perseverantes, chegam a observá-lo em si próprio; o homem vulgar e, bem assim, o ignorante, mesmo com maiores esforços, não conseguem vê-lo.

XII

A energia do Sol que vivifica todos os seres, o luar, o calor do fogo, todas estas energias emanam de Mim.

XIII

Penetrando na terra, pelo Meu poder, sustento nela toda essa multiciplicidade de seres e, tornando-Me a seiva, nutro todo o reino vegetal.

XIV

Tornando-Me a flama da vida no corpo de todas as espécies animais, dirijo o sistema nervoso e muscular do aparelho digestivo e faço assimilar toda a diversidade de alimentos, a fim de assegurar a sua conservação.

XV

Estou no íntimo de todos os homens e de Mim procedem neles a razão, a memória, o conhecimento e também a carência dessas faculdades; sou Eu o cognoscível dos Vedas, o autor do Vedanta e o conhecedor dos Vedas também.

XVI

Há dois seres no universo: o perecível e o imperecível. O primeiro abraça as formas de todas as criaturas e o segundo é a essência de todas elas.

XVII

Além destes dois seres, existe o terceiro, que é chamado Paramatman (Supremo Ser Imutável), essência primordial eterna, origem de tudo e penetrando tudo.

XVIII

Esse ser sou Eu e, estando além do perecível e muito acima do imperecível, sou proclamado Purushotama (Supremo Ser) pelos sábios nos Vedas e, por consequência, no mundo.

XIX

Assim, o sábio que Me considera como Supremo Ser, expulsando todas as suas ilusões e conhecendo profundamente tudo, adora-Me com todo o seu coração, em todas as formas.

XX

Já te instruí sobre o conhecimento, o mais misterioso, ó Arjuna. Assimilá-lo absolutamente é tornar-se perfeito e, no sentido mais lato, é realizar a vida.

CANTO XVI

Espiritualidade e materialidade

I

SHRI CRISNA: — A coragem, a candura, a firmeza no Yoga da inteligência, a beneficência, o auto-domínio, o sacrifício, a meditação, a ascese, a rectidão,

II

A não violência, a verdade, a moderação, a abnegação, a calma, a magnanimidade, a compaixão por todos os seres, a ausência da cobiça, a humildade, a consciência pura, o equilíbrio estável,

III

A energia, a indulgência, a paciência, a pureza, a tolerância, a aversão pela celebridade, todas estas qualidades são prerrogativas da espiritualidade no homem.

IV

A presunção, a arrogância, o amor próprio, a cólera, a rudeza e a ignorância são atributos dos que propendem para a materialidade.

V

A espiritualidade conduz o homem para a sua libertação do mundo cósmico; ao contrário, a materialidade para a escravidão desse mundo; não te aflijas, ó Arjuna, pois tu nasceste para a espiritualidade.

VI

São duas as constituições distintas dos homens que nascem neste mundo: uma propende para a espiritualidade e a outra para a materialidade. Já te dei os pormenores da primeira; compreende agora os da segunda:

VII

Os homens que tendem para a materialidade não têm o conhecimento da acção, isto é, não sabem eles o que é permitido e o que é proíbido fazer; não têm a pureza dos costumes e são completamente ignorantes da verdade.

VIII

Dizem eles que o mundo é um acaso, sem leis nem ordem, e não admitem a existência de Deus, atribuindo a origem das criaturas à união sexual, que tem a sua base ùnicamente no desejo.

IX

E firmando-se nessa ignorância crassa, arruínam a sua alma e a razão e se tornam instrumentos da acção violenta, feroz e demoníaca da destruição do mundo e a sua ordem.

X

Orientados pelo insaciável desejo, esses arrogantes com amor próprio, cegos de orgulho, mal dirigidos, persistem nas suas aspirações falsas e, obstinados, praticam actos indecorosos da dignidade humana.

XI

Imaginam eles que os prazeres sensuais são o único fim da vida, e com esta convicção firme se lhes prendem até ao momento da sua morte, com furor extremo.

XII

Presos por ambições desmedidas, devorados pela cólera e cobiça, dão-se aos ganhos ilícitos, sem se fatigarem, com o único fim de satisfazer os seus apetites baixos.

XIII

Cada um deles diz: «Hoje eu ganhei tanto, amanhã satisfarei outros meus desejos; tenho esta riqueza, amanhã multiplicá-la-ei.

XIV

«Suplantei hoje um rival, amanhã vencerei outros. Sou o senhor, o fruitivo, o perfeito, o poderoso e o feliz.

XV

«Sou o rico e pertenço a nobre linhagem, sou inigualável, farei o sacrifício, a caridade e gozarei». É desta forma que eles alimentam as suas ilusões.

XVI

Assim, alucinados pelas ideias egoístas, entregues à embriaguez de gozos sensuais, caem no inferno impuro dos seus próprios vícios.

XVII

Com orgulho e soberba, cheios de riquezas, oferecem sacrifícios e praticam caridade com o mero fim de ostentação, não seguindo a ordem prescrita em semelhantes actos.

XVIII

Na embriaguez do seu egoísmo, da força, da arrogância, cheios de desejos e cólera, odeiam os seus semelhantes, rebaixando desta forma o Deus oculto neles e em si.

XIX

E esses que odeiam o bem e Deus, tipos cruéis, os mais vis entre os homens deste mundo, dão contínuas reviravoltas na materialidade pela lei da acção por Mim regulada.

XX

E permanecendo na materialidade durante as suas vidas sucessivas, descem mais e mais e, enfim, perdem-se sem Me atingirem.

XXI

O desejo, a cólera e a cobiça arruínam a alma humana; são três portas que se abrem para o inferno. O homem deve sempre evitar aproximar-se delas.

XXII

O homem que escapa a essas portas de trevas e segue o caminho do seu bem alcança a condição suprema, ó Arjuna.

XXIII

Aqueles que, rejeitando as leis da experiência dos sábios, seguem os seus apetites, não atingem a perfeição nem a felicidade suprema.

XXIV

Por isso, a lei deve ser considerada como a autoridade para decidir o que se deve fazer e o que se deve evitar. Tendo, primeiro, o conhecimento da lei prescrita, deves tu exercer as tuas actividades no mundo.

CANTO XVII

Variadas tríades

I

ARJUNA: — Aqueles que oferecem sacrifícios a Brahman, com todo o coração, mas sem a observância da regra prescrita pelos sábios, como Tu classificas a fé deles? É Sátvica, Rajásica ou Tamásica?

II

SHRI CRISNA: — A fé no homem corresponde à sua natureza particular, e é Sátvica, Rajásica e Tamásica. Compreende tu, ó Arjuna.

III

Ela toma a matiz que lhe dá a substância do seu ser. O homem é o que é a sua fé.

IV

Os homens Sátvicos adoram deuses, os Rajásicos prestam culto aos guardas das riquezas e às forças extraordinárias e os Tamásicos veneram os fantasmas e os demónios.

V

Os homens que praticam austeridades estupendas, interditas pelas regras, com egoísmo e hipocrisia, impelidos ùnicamente pelos desejos e paixões,

VI

E mortificam o seu corpo, e torturam em vão o espírito, são a execração do género humano.

VII

A alimentação é variável segundo os homens, e são três as suas espécies; da mesma maneira há tríade do sacrifício, da austeridade, da caridade prática. Eis as diferenças:

VIII

Os Sátvicos preferem os alimentos que aumentam a vitalidade, a força, a pureza, a saúde, a felicidade e o amor e que são sumarentos, doces, substanciais e saborosos.

IX

Os Rajásicos são atraídos pelos alimentos amargos, ácidos, salgados, picantes, quentes, secos e acres, que trazem o mal-estar da saúde e provocam doenças.

X

Os Tamásicos tomam gosto aos alimentos frios, impuros, estragados, fermentados e contagiados.

XI

O sacrifício é Sátvico quando é feito com serenidade, sem o desejo ao seu fruto, praticado como um dever e realizado segundo a regra prescrita.

XII

O sacrifício feito com o fim do proveito pessoal e realizado com ostentação e hipocrisia é Rajásico, ó Arjuna.

XIII

O sacrifício sem a regra prescrita, sem a oblação, sem hinos, sem dádivas e sem fé, é chamado Tamásico.

XIV

A homenagem a Deus, o respeito pelo brâmane, pelo mestre espiritual e pelo sábio, a pureza, a rectidão, a continência e a não violência formam a essência da austeridade física;

XV

Falar gentil e agradàvelmente, falar sempre a verdade, falar com urbanidade, dissertar sempre sobre os textos da escritura sagrada, tudo isto constitui a austeridade da linguagem;

XVI

A alegria viva, a afabilidade, o silêncio, o auto-domínio e a candura constituem a austeridade mental;

XVII

Essa tríade de austeridades praticadas pelo homem, com fé perfeita e com a luz da razão, sem aspiração aos seus frutos, é chamada ascese Sátvica.

XVIII

A mesma tríade praticada com vaidade e hipocrisia, com o fim de ser respeitado, ter honras e veneração, é chamada ascese Rajásica; ela é instável e efémera.

XIX

Essa mesma praticada com obstinação doida, com torturas a si próprio e com o fim de causar dano a outrem, é chamada Tamásica.

XX

A caridade é chamada Sátvica quando o donativo é oferecido à pessoa merecedora, pelo amor de dar e para o bem, em tempo e em lugar próprio, sem esperar retribuição alguma.

XXI

A caridade, quando é feita com constrangimento e com a esperança de recompensa, é chamada Rajásica.

XXII

A caridade sendo praticada sem consideração às condições do tempo e do lugar e o donativo oferecido a pessoa indigna e com desdem, é chamada Tamásica.

XXIII

AUM-TAT-SAT, esta tríade de palavras monossilábicas simboliza o Brahman que, nos prístinos, tempos deu origem aos brâmanes, aos Vedas e ao sacrifício.

XXIV

Eis a razão porque todo o devoto começa os actos de sacrifício, de caridade e de austeridade pronunciando a sílaba AUM segundo a lei prescrita.

XXV

Pronunciando TAT, procura a sua libertação do ciclo da vida e morte no mundo cósmico, renunciando aos frutos de sacrifício, de caridade e de austeridade a Brahman.

XXVI

SAT significa o bem, a existência, e se emprega também no sentido de boa acção, e se pronuncia essa palavra a fim de habituar o homem às boas acções.

XXVII

O SAT é também dedicar toda a vida aos sacrifícios, à caridade, à austeridade, e fazer destas acções o seu dever.

XXVIII

O sacrifício, a caridade, a austeridade e todas as outras acções praticadas sem fé são inconsequentes neste mundo e noutro também.

CANTO XVIII

Conclusão

I

ARJUNA: — Desejo conhecer, ó Crisna, o princípio essencial do renunciamento e o do ascetismo e a diferença entre os dois.

II

SHRI CRISNA: — Os sábios chamaram ascetismo ao abandono das acções motivadas pelos desejos e denominaram renunciamento ao abandono completo dos frutos das acções.

III

Declaram uns sábios que se deve renunciar a toda a acção por maléfica; dizem outros que nunca se deve renunciar a acções tais como o sacrifício, a caridade e a austeridade.

IV

Compreende, agora, ó Arjuna, o meu juízo sobre o assunto; o renunciamento das acções tem também a sua tríade diferencial.

V

De forma alguma se deve renunciar às acções de sacrifício, de caridade e de austeridade; pelo contrário, é preciso praticá-las, porque são elas necessárias para tornar pura a razão do sábio.

VI

E essas acções de bem devem ser praticadas, ó Arjuna, com desinteresse, sem aspiração aos seus frutos. É esta a minha opinião definitiva.

VII

Em verdade, não convém renunciar às acções justamente prescritas; abandoná-las, por ignorância, é praticar o renunciamento Tamásico.

VIII

O abandono da acção, por ser penosa ou porque é um tormento para a carne, é considerado como o renunciamento Rajásico; não tem ele o efeito do renunciamento pròpriamento dito.

IX

Praticar as acções prescritas com desinteresse, sem desejos aos seus frutos, e considerá-las como o seu dever, é Sátvico esse renunciamento.

X

O sábio que dissipou todas as suas dúvidas, pratica o renunciamento à luz do seu pensamento Sátvico, não desdenhando a acção desagradável, nem se prendendo à acção agradável.

XI

Na verdade, não é possível ao homem abandonar completamente as acções. Abandonar o fruto da acção é praticar o renunciamento.

XII

Há tríade de frutos da acção: agradável, desagradável e misto; e estes só a obtêm aqueles que são escravos dos seus desejos, e isso também noutro mundo; ficam isentos deles aqueles que os renunciaram, prèviamente.

XIII

Vou-te enumerar, ó Arjuna, as cinco causas da acção, segundo Sânquia. Compreende tu que esses factores são necessários para realizar qualquer acção.

XIV

São os seguintes: o corpo, o agente, os diversos instrumentos, as variadas actividades e, enfim, o destino.

XV

Em qualquer acção empreendida pelo homem, seja corporal, seja mental ou da palavra, quer boa quer má, são cinco os elementos que entram na sua realização.

XVI

Mas o homem ignaro julga que o Eu é o autor da acção, e deste modo demostra ele a sua ignorância, ou a fraqueza da inteligência, ou a cegueira mental.

XVII

Aquele que é isento do egoísmo e que tem a luz da razão perfeita, mesmo que extermine todos os seus semelhantes deste mundo, não é o autor do crime, porque transcendeu ele a natureza, diluiu o seu eu no Ser Supremo, e por isso não está ele sujeito aos vínculos da acção.

XVIII

O conhecimento, o cognoscível e o conhecedor, são três os factores que concorrem para o impulso à acção; do mesmo modo, o autor, os instrumentos e o acto constituem a acção total.

XIX

Há tríade, também, do conhecimento, da acção e do autor, segundo Sânquia, em conformidade com as suas qualidades; compreende tu, ó Arjuna:

XX

O conhecimento pelo qual o homem vê um único Ser imperecível no «devenir» universal, um todo indivisível em toda a multiplicidade de seres, este é Sátvico;

XXI

O conhecimento pelo qual se vê toda a multiplicidade como existências distintas e de vários aspectos, este conhecimento é Rajásico;

XXII

O conhecimento pelo qual o homem vê as coisas de uma maneira estreita, sem nada compreender da natureza real do mundo, relacionando tudo à sua parte material em que convergem todas as suas actividades, é chamado Tamásico.

XXIII

A acção é chamada Sátvica quando ela é justamente regulada, realizada com desinteresse, sem atracção nem repulsão e sem aspirar aos seus frutos;

XXIV

A acção empreendida sob o ímpeto de desejos, com egoísmo e com esforços desmedidos, é chamada Rajásica;

XXV

A acção praticada cegamente, sem consideração à força ou capacidade, nem às suas consequências, sem calcular o dano ou violência a outrem, é considerada como Tamásica.

XXVI

O autor é chamado Sátvico quando age com abnegação, sem egoísmo, com resolução firme e com entusiasmo, sendo indiferente perante o bom ou mau sucesso;

XXVII

O autor é chamado Rajásico quando age com paixão, com ambição dos frutos de acção, cobiçoso, impuro, violento e brutal nos meios, alegre quando tenha bom sucesso e triste com mau sucesso;

XXVIII

O autor, quando é indisciplinado, vulgar, pérfido, dissimulado, negligente, triste e trapaceiro, é chamado Tamásico.

XXIX

Compreende, ó Arjuna, que a inteligência e a vontade têm cada uma três aspectos, segundo as suas qualidades; vou-te explicar tudo, sem nada omitir:

XXX

É Sátvica a inteligência quando ela faz compreender o que se deve fazer e o que se não deve fazer, o que é

legítimo e o que é ilegítimo, o que é prejudicial e o que é útil, o que sujeita à escravidão e o que dá liberdade;

XXXI

A inteligência que não sabe discernir o que é lícito e o que é ilícito, o que é justo e o que é injusto, é Rajásica, ó Arjuna!

XXXII

A inteligência obscura, que toma o imoral por moral, o injusto por justo e vê todas as coisas obtusamente, é Tamásica.

XXXIII

A vontade que nunca vacila e que dirige firmemente a mente, os sentidos e o sopro vital, esta é chamada Sátvica;

XXXIV

A vontade que vigia com interesse a ambição dos frutos da acção, os deveres, a riqueza e os desejos, é chamada Rajásica;

XXXV

A vontade que torna o homem estúpido e o impede de largar o sono, o medo, a dor, a angústia e o orgulho, é chamada Tamásica.

XXXVI

Compreende, agora, ó Arjuna, o que te vou expor sobre a tríade do prazer e, compenetrando-se deste conhecimento, o homem pode evitar, completamente, a dor:

XXXVII

O prazer que se alcança empregando, no início da acção, esforços gigantescos e penosos e que dá em resultado a paz da alma, é chamado Sátvico;

XXXVIII

O prazer causado pelas relações dos sentidos com os seus objectos, que no início é como o nectar, mas no final é peçonha, é chamado Rajásico;

XXXIX

O prazer que, tanto no início como no fim, é uma ilusão e que provém do sono, da preguiça ou da indolência, é chamado Tamásico.

XL

Tanto na terra como no céu, não existe ente algum que possa isentar-se das três qualidades originadas da Natureza.

XLI

E, segundo a combinação das variantes dessas qualidades, se constitui o natural do brâmane, do xátria, do vaixia e do sudra.

XLII

A calma, o auto-domínio, a austeridade, a pureza, a indulgência, a rectidão, o conhecimento intuitivo e discursivo, a fé religiosa, são atributos do brâmane;

XLIII

O heroísmo, o valor, a coragem, a vigilância, a não deserção, a generosidade, a autoridade, são atributos do xátria;

XLIV

A agricultura, a criação do gado e o comércio são actividades naturais do vaixia. Todo o trabalho tendo o carácter de serviço é função natural do sudra.

XLV

Todo o homem que se concentra na acção que convém à sua própria natureza, atinge a perfeição. Compreende, ó Arjuna, como se atinge a perfeição praticando as acções adequadas à sua natureza:

XLVI

O homem atinge a perfeição adorando, por meio das suas obras, o Ser Supremo, que é origem de todos os seres e que penetra todo o universo.

XLVII

É preferível a cada um a sua própria lei da acção, por imperfeita que seja, à doutrem bem aplicada. Ninguém incorre no pecado quando age segundo a lei da sua própria natureza.

XLVIII

Nunca se deve abandonar a acção que se coaduna com a sua natureza, por ser defeituosa; porque toda a acção consuma tem os defeitos que a encobrem, tal como a fumaça encobre o fogo.

XLIX

Aquele que, com desinteresse, pratica a acção, dominando o mental, extinguindo todos os desejos, com renúncia inteira de si mesmo, alcança a quietude e chega à perfeição.

L

E, chegado desta forma à perfeição, atinge ele o limiar de Brahman, ordem suprema da culminância do conhe-

cimento. A maneira como ele o transpõe, vou-te expor resumidamente, ó Arjuna:

LI

Aquele que purificou a inteligência, dominou o ser inteiro por uma vontade firme e estável, surdo ao som e a todos os objectos dos sentidos, isento da dualidade da atracção e repulsão,

LII

Vivendo na solidão, sóbrio, dominou a palavra, o corpo e a mente, unido ao seu Eu por meditação constante, e extinguiu todos os desejos,

LIII

Isento do egoísmo, da violência, da arrogância, da cólera, livre do desejo da posse, ganhou calma e a impassibilidade, tal homem está prestes a tornar-se Brahman.

LIV

Quando se converte em Brahman e quando na sua beatitude não sente aflição e não deseja nada, começa a adorar-Me, vendo tudo na igualdade.

LV

E por essa via de adoração, chega ele a conhecer, profundamente, quem sou Eu e quanto Eu sou, e, assim, conhecendo-Me na essência, penetra em Mim.

LVI

E, desta forma, continuando ele a praticar as acções, refugiando-se em Mim, atinge, por minha graça, a condição eterna e imperecível.

LVII

Por isso, ó Arjuna, dedicando-te a Mim, renunciando todas as tuas acções a Mim, recorrendo ao Yoga da inteligência, sê tu, de todo o teu coração, uno Comigo.

LVIII

Continuando tu uno Comigo, por minha graça, serás capaz de arrostar todos os perigos, Mas, se perseverares no teu egoísmo, sem atenção aos Meus preceitos, cairás na perdição.

LIX

Tu, na tua obcecação, tens decidido não tomar parte na batalha; é em vão a tua resolução, pois a tua própria natureza obrigar-te-á a arremessar a ela.

LX

Ó Arjuna, conquanto tu asseveras, na tua ilusão, não efectuar a acção coerente com a tua natureza, esta mesma te impelirá a praticá-la contra a tua expectativa.

LXI

O Ser Supremo tem a sua sede no coração de todas as criaturas e Ele, pelo seu misterioso poder, nos faz mover no rodar da Natureza.

LXII

Por isso, ó Arjuna, vai tu refugiar-te n'Ele, que, com a sua graça, te fará atingir a paz Suprema, condição eterna.

LXIII

Já te acabei de expor, com clareza, o conhecimento o mais secreto, e agora, reflectindo bem nele, procede tu como quiseres.

LXIV

Ainda, uma vez, te vou repetir a Minha palavra suprema, o maior segredo que te vou dizer para teu bem e porque te prezo muito:

LXV

Fixa tu todo o pensamento em Mim, adora-Me, sacrifica-te a Mim, prosterna-te diante de Mim. Asseguro-te que chegarás a Mim, pois és meu querido.

LXVI

Renuncia tu a todos os teus deveres e obrigações e outros afazeres e refugia-te em Mim único; salvar-te-ei, está tu em paz.

LXVII

Recomendo-te mais que não transmitas estes meus ensinamentos aos que desconhecem a austeridade, aos irreligiosos, aos ímpios e aos ateus.

LXVIII

Aquele que proclamar este segredo entre os meus devotos, atingirá a suprema devoção e chegará a Mim.

LXIX

E esse será para Mim o mais caro entre os homens, pelos seus actos mui agradáveis para Mim.

LXX

Aquele que estudar este nosso diálogo sagrado, tomá-lo-ei por um devoto que Me ama pelo seu voto do conhecimento.

LXXI

E aquele que estudar com fé, e sem sofismas, este diálogo, chegará ao mundo dos justos e felizes, após abandonar o seu corpo mortal.

LXXII

Dize-Me, ó Arjuna, se tu compreendeste bem tudo o que te acabei de explicar e se te dissiparam as tuas ilusões?

LXXIII

ARJUNA: — Ó Shri Crisna, a Tua graça dissipou todas as minhas ilusões; recobrei já o ânimo; cá estou livre de dúvidas, pronto para cumprir os Teus preceitos.

LXXIV

SANJAIA: — Tive a dita de escutar este maravilhoso e exortativo diálogo entre Shri Crisna e Arjuna.

LXXV

Por graça de Viassa cheguei a ouvir esse segredo supremo do Yoga explicado pelo próprio Shri Crisna, Mestre Divino do Yoga.

LXXVI

Majestade, rememorando, cada vez, esse maravilhoso diálogo entre Shri Crisna e Arjuna, rejubilo-me mais e mais.

LXXVII

E ainda mais me rejubilo e espanto, quando evoco aquele prodigioso vulto de Shri Crisna.

LXXVIII

Enfim, lá onde se encontram juntos o Mestre do Yoga, Shri Crisna, e o arcipotente Arjuna, está assegurada a glória, a vitória, a prosperidade e a lei imutável da justiça.

GLOSSÁRIO E NOTAS

A

Abhimaniu — Filho de Arjuna e da sua segunda mulher Subhadra; em pequena idade tinha todos os conhecimentos da arte militar, e por isso era considerado como um dos marechais do exército dos Pandavas.

Acita — Um dos maiores rixis.

Adítias — Divindades em número de doze, presidindo cada uma a um mês do ano; são personificações do Sol.

Airavat — Espécie de elefante descoberto pelos deuses durante a exploração dos mares e das selvas da India.

Ananta — Chefe da tribo Naga, aborígene da India, encontrando-se, hoje, essa tribo no Assam.

Anantavijaya — Concha sonante usada por Iudhistir para chamar o seu exército.

Árias — Povos oriundos do polo Norte que se estabeleceram na India, na antiguidade, e deram constituição social, unindo assim todos os povos nela habitados.

Ariamana — Deuses presidindo os manes, almas dos antepassados.

Arjuna — Um dos cinco Pandavas, simpático pela sua coragem, rectidão e generosidade. Cobriu-se de glória e recebeu dos deuses armas celestes.

Ashvatha — Árvore do pimpol, considerada na India como perene.

Asvathama — Filho de Dronacharya.

Assuras — Povos da antiguidade que professavam o materialismo.

Asvins — Divindades gémeas que curavam doenças.

Atman — Princípio metafísico, o substrato transcedente da vida física e mental do homem e idêntico a Brahman.

Aum — Tríade de letras, símbolo de Brahman; a letra A significa o espírito que vê o exterior, a letra U significa o espírito que vê o interior e a letra M o espírito supra-consciente causal.

B

Bhima — Um dos Pandavas, símbolo da força animal no homem.
Bhisma — Tio-avô dos Pandavas e Couravas (v. notas preliminares).
Bhragu — Sábio da antiguidade, célebre pelo seu comentário sobre os Vedas.
Bramá — Primeira pessoa da trindade indiana, deus criador.
Brâmane — Membro da casta sacerdotal da India, conhecedor de dois saberes: intuitivo e discursivo.
Brahman — Espírito universal, essência de tudo.
Brahmassutras — Comentários da apocalipse filosófica.
Brahaspati — Preceptor dos deuses.

C

Capila — V. Kapila.
Carna — Filho de Cunti, mãe dos Pandavas, nascido antes do seu casamento com Pandu.
Caxiraja — Príncipe aliado dos Pandavas.
Chequitana — Príncipe aliado dos Pandavas.
Cuntibhoja — Apelido familiar de Purujita.
Chitraratha — Chefe dos Gandharvas.
Cripa — Cunhado de Dronacharya.
Crisna — V. notas preliminares.
Curu — V. notas preliminares.

D

Devadata — Concha sonante de Arjuna.
Drhastadumna — Filho do príncipe Drupada.
Drupada — Príncipe, pai de Droupadi, sogro dos Pandavas.
Drestaquetu — Príncipe de Chedis, aliado dos Pandavas.
Droupadi — Esposa comum dos Pandavas.
Duriodhana — V. notas preliminares.
Dronacharya — Preceptor dos Pandavas e Couravas.

E

Eu — Espírito transcendental eterno, fonte de luz no homem.
eu — Alma individual com as suas actividades: sensibilidade, inteligência e vontade.

G

Gandharvas — Povo dançarino da antiguidade.
Gandiva — Arco oferecido a Arjuna por Indra.
Ganges — Rio sagrado da India.
Galatri — Quintessência dos hinos védicos, oração quotidiana dos brâmanes.

H

Himalaias — Cordilheira separando a India do Tibete, compreendendo os picos mais altos do mundo.

I

Indra — Deus celeste.
Iudhana — Príncipe igualável a Arjuna em tudo.
Iudhistir — V. notas preliminares.
Iudhamaniu — Príncipe de Panchala aliado dos Pandavas.
Ixavacu — Rei da Dinastia Solar.

J

Janac — Príncipe de Mithila, filósofo que ganhou a perfeição pelo seus actos em prol da sociedade.
Japa — Repetição silenciosa dos nomes de Deus.

K

Kapila ou Capila — Grande sábio, fundador da filosofia de Sânquia.

M

Manipuspaca — Concha de Sahadeo, o quinto Pandava.
Maruti — Macaco que auxiliou Rama na sua propagação da civilização ariana no sul da India.
Marichi — Divindade principal do vento.
Marutas — Sete divindades do vento.
Meru — Monte cujo pico era cheio de ouro, segundo Mahabharat.
Margaxirxa — Primeiro mês do ano, segundo o calendário indiano.
Manu — Rixi que regula os direitos e deveres dos homens em cada período cósmico.

N

Nacula — O quarto Pandava (v. notas preliminares).
Narada — Rixi repórter, que procurava notícias para dar o conhecimento delas aos principais príncipes indianos.
Nagas — Povos da antiguidade, encontrando-se hoje os seus descedentes no Assam.

P

Pandavas — V. notas preliminares.
Purujita — Tio materno dos Pandavas, filhos de Cunti.
Panchajania — Concha de Sri Crisna.
Poundra — Concha de Bhima.
Pralada — Devoto proeminente nos aborígenes selvagens.

R

Raja — Qualidade da natureza, força de repulção.
Rajásico — Que tem a predominancia da qualidade Rajá.
Rudras — Grupo de 11 divindades de destruição.
Racxas — Povos da antiguidade com força física extraordinária.
Rama — Herói cantado no Ramaiana por Valmiqui como uma das incarnações de Deus.

S

Sahadeva — O quinto Pandava.
Sama — Veda contendo hinos maviosos em honra de Deus.
Saman — Hinos de rítmica especial.
Sadhias — Iniciados nos sacrifícios védicos.
Sânquia — A filosofia que tira o seu nome da enumeração; é a exposição dos princípios do nosso ser. Princípio que o espírito em geral vê em combinação ou resultado dessas.
Sati — Antigo costume da mulher que consistia em se imolar na pira do marido morto, pelo amor conjugal e fidelidade a seu marido.
Satiaqui — Príncipe aliado dos Pandavas considerado invencível.
Satva — Qualidade da natureza, força que equilibra a Raja e Tama.
Scanda — Marte da mitologia indiana.
Sidhas — Perfeitos.
Sri Crisna — V. notas preliminares.
Somadati — Um dos grandes marechais do exército dos Couravas.
Subhadra — Segunda esposa de Arjuna e irmã de Crisna.
Sughoxa — Concha de Nacula.

T

Tama — Qualidade da natureza, força de atracção.
Tamásico — Que tem a predominância da qualidade Tama.

U

Utamoja — Príncipe aliado dos Pandavas.
Ucheishrava — Cavalo encontrado durante a exploração das selvas da India.
Uxama — Xucracharia, preceptor dos aborígenes da India.
Usmapas — Almas dos antepassados.

V

Viratha — Príncipe de Chedi aliado dos Pandavas.
Vicarna — Irmão de Duriodhana, um dos principais Couravas.
Vedanta — Essência dos Vedas.
Vedas — Literatura sagrada da India.
Visnu — Segunda pessoa da trindade indiana. Deus conservador.
Vivasvana — Sol.
Vassava — Indra, Deus celeste.
Vassus — Grupo de oito divindades.
Vassuqui — Uma variedade de cobra.
Varuna — Deus do mar.
Vrasni — «Clan» dos Yadavas, a que pertencia Sri Crisna.
Viassa — Poeta que compoz o Mahabharata.

X

Xeibia — Príncipe de Xebi.
Xicandi — Um dos marechais do exército dos Pandavas.

Y

Yacxas — Povos da antiguidade que guardavam riquezas.
Yama — Regulador da morte.